

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

**Performance Eleitoral dos Partidos de Extrema-Direita na Europa entre
1990 e 2018**

Diogo Alexandre Pedroso Matadinho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciência Política

Orientadora:

Doutora Ana Maria Belchior, Professora Auxiliar com Agregação,
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019

Agradecimentos

Foram cinco especiais com altos e baixos, conquistas e derrotas mas que tornaram este percurso memorável. Em primeiro lugar quero dedicar esta dissertação a duas pessoas que hoje não se encontram comigo mas que me deram a fé necessária para atingir os meus objetivos. Isto foi por vocês e é para vocês: bisavô António e avó Vizilda.

Agradecer aos meus pais pela educação, valores e esforços que fizeram, à minha irmã por toda a nossa cumplicidade que fazem a nossa ligação única, e ainda ao Kiko por ser o meu fiel companheiro. Mostrar gratidão aos meus avós José, Maria e João por todas as vivências e ensinamentos que me transmitiram. Deixar um abraço especial ao meu avô José por tudo o que significa para mim, por seu um lutador e acima de tudo o meu exemplo. Uma palavra de agradecimento ao meu Padrinho Luís por todo o apoio que me deu. Quem diria que aquela criança irrequieta e que não queria saber da escola conseguia chegar aqui...nem eu sei como foi possível. Agradecer também à minha tia Patrícia pela sua alegria contagiante e aos meus primos Tomás e Afonso.

Agradecer ao meu núcleo duro com quem tenho a sorte de partilhar duas décadas de amizade: David, Fernandes, Vieira e Vera. Agradecer ao Ricardo, à Daniela e ao Adelino toda a amizade que construímos nestes últimos anos. Quero também retribuir aos meus dois companheiros nesta trajetória académica, Dúlio e Carolina por me terem acompanhado desde o início da licenciatura e termos constituído aquele “trio” imparável. quer na sala de aula como também nas festas do pátio. Agradecer aos meus “Manos Jah Bless” pelos momentos que vivemos nestes meses e que continuaram a existir. Agradecer ao Lopes, Susana e Vanessa pela “fornada maravilha” que somos. Uma palavra especial para a Priscila e o Vieira, primeiro por me terem “adotado” e, em segundo pela amizade e o exemplo que se tornaram para mim pessoal e profissionalmente.

Por último agradeço ao ISCTE por me ter acolhido nestes últimos cinco anos, fazendo sentir-me orgulhoso por ter realizado o meu trajeto nesta instituição. Reconhecer a ajuda de todos os professores com quem tive o privilégio de aprender, em especial, à minha orientadora Dra. Ana Maria Belchior que sempre se mostrou incansável, e ao Dr. José Santana Pereira por me ter ajudado nos primeiros passos deste projeto e me ter motivado a seguir em frente.

As palavras tornam-se curtas para todos vocês. Obrigado!

Resumo: Nos últimos anos assistiu-se ao avanço dos partidos de extrema-direita em diferentes países do continente europeu, protagonizando várias modificações nos respetivos sistemas partidários. Este crescimento que não se resumiu à obtenção de lugares parlamentares e de oposição como também na execução de cargos de governo ou apoio parlamentar. Analisando as eleições legislativas nos 28 estados-membros da União Europeia, desde 1990 até 2018, esta dissertação centra-se na análise aos fatores explicativos que motivam o voto nos partidos de extrema-direita. Incidindo sobre 138 partidos de extrema-direita e 221 eleições legislativas, realizou-se uma análise multivariada através de regressões lineares múltiplas, formulando-se dois modelos de análise. O primeiro contempla os fatores mais salientados na literatura (crise económica, imigração e o envelhecimento populacional), por sua vez, o segundo engloba, além destas variáveis, outras que permitam explicar a variação do voto eleitoral (escolaridade, criminalidade/terrorismo e a qualidade democracia). No geral, o segundo modelo de análise apresenta uma correlação mais forte entre o voto eleitoral nos partidos de extrema-direita e o conjunto de fatores explicativos.

Palavras-chave: Extrema-Direita; Eleições; Partidos; Voto

Abstract: In the past few years there has been an advancement of far-right parties in different countries of the European continent, leading to many changes in their party systems. This growth has not only been about getting parliamentary and opposition seats, but also in holding positions of government or parliamentary support. Analyzing the legislative elections in the 28 member states of the European Union, from 1990 to 2018, this dissertation focus on the analysis of the explanatory factors that motivate the vote in the far right parties. Highlighting on 138 far-right parties and 221 legislative elections, a multivariate analysis was performed through multiple linear regressions, formulating two analysis models. The first one includes the most highlighted factors in the literature (economic crisis, immigration and the ageing population). The second one includes, besides these variables, others that explain the variation of the electoral vote (education, crime/terrorism and the quality of the democracy). In general, the second model of analysis shows a stronger correlation between the electoral vote in the far right parties and the set of explanatory factors.

Keyword: Far-right; Elections; Parties; Vote

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ÍNDICE DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS	iv
GLOSSÁRIO DE SIGLAS	v
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – OS PARTIDOS DE EXTREMA-DIREITA NA EUROPA: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL E HISTÓRICO.....	3
1.1 – Extrema-Direita: conceptualização.....	3
1.2 – Características Ideológicas dos partidos de extrema-direita.....	6
1.3 – Origem, evolução histórica e sucesso eleitoral dos partidos de extrema- direita.....	9
1.4 – Fatores explicativos do voto	12
CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	17
2.1 – Modelo de análise: operacionalização de conceitos	17
2.2 – Metodologia e dados	19
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS	21
3.1 – Análise Descritiva	21
3.2 – Análise Multivariada	23
3.2.1 – Modelo de análise 1	24
3.2.2 – Modelo de análise 2	25
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA	31
ANEXOS	I

ÍNDICE DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1.1 – Características ideológicas dos partidos de extrema-direita	9
Tabela 2.1 – Operacionalização da variável dependente e independentes.....	19
Gráfico 3.1 - Média de voto eleitoral nos partidos de extrema-direita por país e lapso temporal (%)	23
Tabela 3.1 – Fatores determinantes do voto eleitoral dos partidos de extrema-direita – Modelo 1.....	25
Tabela 3.2 – Fatores determinantes do voto eleitoral dos partidos de extrema-direita – Modelo 2	27
Tabela 4.1 – Resultados hipóteses de investigação	29
Tabela 6.1 – Lista de partidos de extrema-direita por país e ano de eleição	I
Tabela 6.2 – Média de voto eleitoral dos partidos de extrema-direita na europa (1990-2003)	X
Tabela 6.3 - Média de voto eleitoral dos partidos de extrema-direita na europa (2004-2018)	X
Tabela 6.4 – Medidas de qualidade do modelo 1	XI
Tabela 6.5 - Adequabilidade do modelo 1	XI
Tabela 6.6 - Coeficientes do modelo 1	XII
Tabela 6.7 – Medidas de qualidade do modelo 2	XIII
Tabela 6.8 – Adequabilidade do modelo 2	XIII
Tabela 6.9 – Coeficientes do modelo 2	XIV

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

AD – Aurora Dourada (Grécia)

AfD – Alternativa para a Alemanha

ATAKA – União Nacional Ataque (Bulgária)

DFP – Partido Popular Dinamarquês

DS – Democratas Suecos

EKRE – Partido Conservador do Povo da Estónia

ENF – Grupo Europa das Nações e das Liberdades

EPP - Grupo do Partido Popular Europeu

FN – Frente Nacional (França)

FPO – Partido da Liberdade da Áustria

ID – Identidade e Democracia

JOBBIK – Movimento por uma Hungria Melhor

LN – Liga Norte (Itália)

PNR – Partido Nacional Renovador (Portugal)

PRM – Partido da Grande Roménia

PS – Partido dos Verdadeiros Finlandeses

PVV – Partido pela Liberdade (Países Baixos)

UE – União Europeia

VB – Vlaams Belang (Bélgica)

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se assistido a uma crescente atenção política na Europa sobre a ascensão dos partidos de extrema-direita e a sua expressão legislativa em termos de representação eleitoral. Atualmente deparamo-nos com a presença da extrema-direita em múltiplos parlamentos nacionais exercendo cargos de governo, apoio parlamentar ou oposição. Entre os casos mais mediáticos encontram-se o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ) que atingiu, em 2017, 26% dos votos tendo formado governo, ou a mais recente aliança (2018) que colocou a Liga Norte (LN) como parte integrante do governo italiano. Tem-se assistido ainda ao surgimento de um número crescente de forças partidárias de extrema-direita pelo continente europeu que em muitos casos formam uma séria oposição aos restantes partidos com assento parlamentar como por exemplo, na Alemanha, Bulgária, Dinamarca, Finlândia, França ou Hungria. É com base nestes ressurgimentos da extrema-direita nas instituições democráticas derivados de fatores como a crise económica (Golder, 2003; Drovos, 2014; Lowy, 2014) ou a imigração (Mitra, 1998; Golder, 2003) que se tem intensificado várias alterações no sistema partidário de vários países através da radicalização de vários partidos do *mainstream* político.

Assumindo a performance eleitoral dos partidos de extrema-direita como o principal objeto de estudo, este projeto centrar-se-á nas eleições legislativas realizadas nos 28 estados-membros da União Europeia (UE) entre 1990 e 2018. Pretende-se analisar o desempenho eleitoral da extrema-direita e a sua ascensão no panorama nacional e internacional com o intuito de aprofundar os conhecimentos já existentes sobre a temática de que se destacam os contributos de Winock (1994), Golder (2003), Mudde (2007) ou Lowy (2014). Por outras palavras, esta dissertação visa analisar a performance eleitoral dos partidos de extrema-direita, averiguando sobretudo os principais fatores que poderão estar na origem do voto nestes partidos. Assumindo esta investigação uma pertinência científica face à temática pretende-se reforçar os estudos já existentes apresentando um quadro que permita testar os mais variados fatores explicativos que motivam o voto nos partidos de extrema-direita e o seu possível sucesso eleitoral. Além disto pretende-se realizar uma extensa recolha de dados sobre os partidos de extrema-direita, de modo, a garantir uma fonte segura de dados para posteriores investigações. No campo sociopolítico pretende-se verificar, atualmente, os países com maior predominância da extrema-direita e aqueles onde esta poderá emergir futuramente. Esta última vertente que

vai ao encontro da questão colocada pelo politólogo Carlos Jalali (2016) que interroga se “Há motivos para recear um contágio, para temer a extrema-direita?”.¹

Com o intuito de estabelecer uma linha orientadora para este estudo procedeu-se à formulação de uma questão de partida, a saber: a) Quais os fatores explicativos da performance eleitoral dos partidos de extrema-direita europeus em eleições legislativas entre 1990 e 2018? Os objetivos centram-se em compreender a evolução do voto (performance eleitoral), e principalmente em testar as múltiplas variáveis explicativas do voto. Neste estudo incluem-se tanto aquelas mais salientadas na literatura como a crise económica (Anastasakis, 2001; Lowy, 2014; Funke, Schularick e Trebesch, 2014), a imigração (Mitra, 1998; Givens, 2002) e o envelhecimento populacional (Norris, 2005), como também outras que ainda não foram alvo de uma análise empírica mas que são constantemente associadas à ascensão da extrema-direita, tais como a escolaridade (Anastasakis, 2001; Norris, 2005), os refugiados (Marchi e Bruno, 2016; Carvalho, 2016), a criminalidade (Mudde, 2007; Zaslove, 2009) e a qualidade da democracia (Lowy, 2014).

De modo a corresponder aos objetivos propostos, este projeto encontra-se dividido em três capítulos (e consequentes subcapítulos). O primeiro capítulo denomina-se “Os Partidos de extrema-direita na Europa: Enquadramento teórico-conceitual e histórico” e tem como principal objetivo fazer uma sistematização dos principais contributos teóricos e históricos em torno da extrema-direita. Assim salientam-se os contributos teóricos mais relevantes, assim como a pesquisa prévia sobre o tema, e evidenciam-se as ausências e falhas sobre a temática. Neste capítulo será elaborada uma conceptualização da extrema-direita, e serão destacados as características ideológicas, a sua evolução histórica e aos recentes resultados eleitorais alcançados. Destacam-se ainda os fatores explicativos do voto nos partidos de extrema-direita que a pesquisa tem identificado com mais relevantes. Após a apresentação da teoria e do estado da arte no que respeita ao tópico, importa debruçar a análise numa outra vertente – capítulo 2 – denominada

¹ Entrevista realizada pelo Jornal Público, no dia 19 de Novembro de 2016, sobre o crescimento da extrema-direita no contexto político europeu e internacional. Esta questão do politólogo Carlos Jalali surge no âmbito desta iniciativa que conta também com os contributos de vários académicos como André Freire, Ricardo Marchi e Marina Costa Lobo. Consultar: <https://www.publico.pt/2016/11/19/politica/noticia/a-extrema-direita-em-portugal-quer-dar-nas-vistas-mas-é-irrelevante-1751557>

“Enquadramento metodológico” que visa indicar o plano metodológico da investigação. Assim sendo, dar-se-á atenção à operacionalização de conceitos e ainda se mencionará o método utilizado, os casos selecionados, o lapso temporal e as técnicas de recolha e análise de dados. De seguida, apresentam-se os resultados na sequência da análise dos dados com o intuito principal de esclarecer quais os fatores mais preponderantes que originam o voto nos partidos de extrema-direita. Apresenta-se, por último, a conclusão que sistematiza os resultados alcançados pela investigação, realçando o contributo dos mesmos para a literatura sobre o tópico e as principais dificuldades encontradas ao longo do projeto.

CAPÍTULO 1 – OS PARTIDOS DE EXTREMA-DIREITA NA EUROPA: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL E HISTÓRICO

Neste capítulo será apresentada a revisão da literatura com o intuito de sistematizar os principais contributos teóricos sobre a temática em estudo. Deste modo, procurar-se-á sintetizar as investigações já realizadas com vista a construir um quadro teórico que clarifique o conceito de extrema-direita, as bases ideológicas dos partidos de extrema-direita, assim como a evolução histórica e os fatores explicativos do voto nestes partidos.

1.1 – Extrema-Direita: conceptualização

Tratando-se o conceito *extrema-direita* muito abrangente, e alvo de contributos teóricos de vários estudiosos torna-se pertinente clarificar o posicionamento no espectro político ideológica deste tipo de partidos. Considerada por Steven Lukes (2003) como uma reação aos posicionamentos políticos de esquerda sustentados pela rejeição das desigualdades sociais, os partidos situados mais à direita assumem uma vertente mais “individualista” no espectro político, sendo altamente hierárquicos e tradicionais. Em termos de espectro esquerda-direita tradicional a extrema-direita pode ser atendida como o agrupado de agentes políticos, normalmente representados por partidos, que se encontram posicionados mais à direita nesse espectro².

² A escala ideológica esquerda-direita permite posicionar os diferentes partidos políticos mediante uma série de dimensões que visem as suas características ideológicas. Existem vários contributos

Em termos pragmáticos existem dois planos de análise que permitem situar ideologicamente os partidos de extrema-direita, sendo eles o assento parlamentar no contexto nacional e no panorama europeu – mais concretamente na UE. Tendo em conta os objetivos desta investigação é primordial incidir no âmbito nacional recorrendo assim ao suporte teórico existente sobre a temática. No que diz respeito ao plano nacional e tomando como exemplo o caso português, pode-se referir que o Partido Nacional Renovador (PNR) é aquele que se posiciona no extremo mais à direita no tradicional eixo esquerda-direita, destacando-se ideologicamente do Partido Social Democrata (PSD) e do Partido Popular (CDS-PP). Comparativamente ao caso português, pode-se analisar o caso alemão cujo partido Alternativa para a Alemanha (AfD) se situa no polo mais à direita, ao invés da União Social-Cristã na Baviera (CSU) e da União Democrata-Cristã (CDU). Desta forma os partidos de extrema-direita encontram-se situados no polo mais distante, precisamente à direita dos partidos de centro-direita. Existe ainda outra forma de localizar ideologicamente os partidos de extrema-direita quando analisamos o Parlamento Europeu, sendo que neste os mesmos encontram-se integrados nos grupos parlamentares à direita do Grupo do Partido Popular Europeu (EPP) e dos seus respetivos antecessores³, estando representados atualmente no Grupo Identidade e Democracia (ID)⁴.

Do ponto de vista das decisões políticas, embora exista a ideia de que os partidos de extrema-direita não toleram a “igualdade de possibilidades inatas entre homens” e a “equidade político-económica na gestão dos negócios públicos e na distribuição da riqueza” (Pinto, 1996:42), a verdade é que nem todos os partidos de extrema-direita são uniformes relativamente às suas posições políticas. Tendo em conta os contributos de Lowy (2015) é possível identificar três tipologias que permitem desagregar a extrema-direita europeia, sendo elas: “partidos de carácter diretamente fascista e/ou neonazista”, “partidos semifascistas” e “partidos de extrema-direita que não possuem origens fascistas mas compartilham” esses ideais ideológicos (Lowy, 2015:654, 655). Relativamente aos

teóricos sobre esta temática, entre os quais Hannah Arendt (1951), David Nolan (1969) e Hans Slom (2000).

³ Mais concretamente, o Grupo Reformistas e Conservadores Europeus (ECR) e do Grupo Europa da Liberdade e da Democracia (EFDD).

⁴ Este grupo parlamentar foi fundado em junho de 2019 para substituir o Grupo Europa das Nações e das Liberdades (ENF) e detém atualmente 73 assentos parlamentares. O Grupo é composto somente por partidos de extrema-direita de vários estados europeus como a Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Países Baixos, Polónia ou Roménia.

primeiros, estes têm raízes fascistas encontrando-se representados, por exemplo, pelos gregos da Aurora Dourada (AD), o Movimento por uma Hungria Melhor (JOBBIK) ou o Partido da Grande Romênia (PRM). No que respeita aos semifascistas estes detêm “fortes componentes fascistas, mas não podem ser identificados com o padrão fascista clássico” (Lowy, 2015:654), tratam-se de partidos que historicamente não omitem a sua ligação ao fascismo mas vêm-se atualmente “modernizados” pelos seus líderes. Compõem esta tipologia a Frente Nacional (FN) em França ou os austríacos do FPO. Por último, a extrema-direita não oriundas dos fascismos como a LN em Itália, o Partido pela Liberdade (PVV) nos Países Baixos, o Partido Popular Dinamarquês (DFP) ou o Partido dos Verdadeiros Finlandeses (PS). Apesar desta tipologia ser fortemente sustentada pelos estudos aos partidos de extrema-direita, importa salientar outros contributos teóricos, nomeadamente as análises realizadas por Ignazi (1996). Segundo o mesmo existem dois tipos de partidos de extrema-direita: por um lado, as forças tradicionais (“velha extrema-direita”), por outro a nova extrema-direita. Enquanto os primeiros são fortemente marcados pelo passado histórico assente nas ídoles fascistas e de violência, a nova extrema-direita é sustentada pelos avanços que ocorreram nas sociedades pós-industriais resultantes de novas clivagens sociais⁵ que visam sobretudo uma “forte oposição ao processo de integração”⁶ (Tostes, 2009:336). É nesta perspetiva que Ignazi (1996) aponta para a existência de partidos antissistema nos quais se enquadram os atores políticos de extrema-direita.

Conforme foi referido anteriormente o conceito de extrema-direita tem uma multiplicidade de abordagens entre os teóricos que aprofundaram esta temática. Tendo como referência a obra *Populist Radical Right Parties in Europe*⁷ esta contrasta amplamente o conceito “extrema-direita” e as ideias em torno do “radicalismo de direita”. Os partidos de extrema-direita refletem-se “in essence antidemocratic, opposing the fundamental principle of sovereignty of the people”, enquanto o radicalismo se assume como “democratic, even if they oppose some fundamental values of liberal democracy” (Mudde, 2007:31). No entanto apesar da distinção o politólogo holandês evidenciou que

⁵ No que diz respeito às novas clivagens sociais pode-se destacar as questões migratórias, a intolerância religiosa e étnica e as preocupações em torno da segurança e soberania nacional (Ignazi, 2003; Kitschelt, 1995; Mudde, 2007).

⁶ Existe uma oposição à integração política, social e económica em prol da “defesa da nação, cultura nacional e soberania nacional” (Tostes, 2009:341).

⁷ Cas Mudde (2007).

era possível uniformizar os aspetos envolventes à extrema-direita através da aglomeração das características ideológicas comuns mais salientadas na literatura. Assim sendo noções como “antidemocracia”, “nacionalismo”, “racismo”, “soberania” e “xenofobia” são recorrentemente associadas à extrema-direita, compondo as suas bases ideológicas (Mudde, 1995:203-206). Apesar da não homogeneização em torno das origens e do legado histórico que envolvem a extrema-direita, uma ideia parece consensual, os partidos possuem valores comuns que se transformaram numa “ameaça real à democracia” (Lowy, 2015: 656).

1.2 – Características Ideológicas dos partidos de extrema-direita

De acordo com Mudde (2007) existe consistência em termos de valores e ideias comuns aos partidos de extrema-direita. Por essa razão se verificam práticas e discursos idênticos por parte da FN em França, FPO na Áustria ou pelo AfD na Alemanha. Procurando distanciar-se do passado ligado ao fascismo defendendo a existência da democracia os partidos de extrema-direita procuraram, sobretudo a partir da década de 80, responder às transformações desencadeadas pela globalização. Apesar desta aparente aproximação aos efeitos democráticos, a verdade é que a extrema-direita rejeita sistematicamente o “dogma da natural igualdade de possibilidades inatas entre os homens e, no ponto de chegada, ao desejável de uma igualdade político-económica na gestão dos negócios públicos e na distribuição da riqueza” (Pinto, 1996:42). Tal como referem Paxton (2007) e Kitschelt (1995) esta é uma distinção ideológica entre o passado histórico de índole fascista e as atuais bases ideológicas dos partidos de extrema-direita, uma vez que estes últimos se desenvolveram no contexto democrático.

No que respeita às principais bases políticas da extrema-direita pode-se destacar numa primeira instância a defesa dos valores e instituições tradicionais. Assente numa base tradicionalista onde a família, a educação (assente em padrões nacionalistas) e as práticas religiosas são eixos primordiais na construção de uma sociedade padronizada, a extrema-direita procura segmentar uma hierarquia social sob as quais determinados elementos possam assumir cargos públicos (Mudde, 2007). Por outras palavras, advogam uma sociedade regida pelo organicismo e pelo tradicionalismo que procure beneficiar a ascensão de alguns elementos da sociedade (indivíduos ou grupos) – considerados superiores – face a outros mais desfavorecidos. Destaca-se ainda outra característica

inerente à extrema-direita europeia: o forte sentido nacionalista que procura defender os interesses nacionais inerentes à realidade política, económica e social de cada estado. Desta forma a defesa da pátria assume-se como um eixo prioritário, originando que questões externas⁸ sejam ignoradas ou delegadas para segundo plano.

Distanciando-se da direita tradicional essencialmente pela sua intolerância face à diversidade social e pelas suas ações violentas, a extrema-direita defender o “nacionalismo chauvinista, a xenofobia, o racismo, o ódio aos imigrantes, a islamofobia, o anticomunismo. A isto pode-se acrescentar em muitos casos, o antisemitismo, a homofobia, a misoginia, o autoritarismo, o desprezo pela democracia, a eurofobia” (Lowy, 2014:20). É neste contexto que atualmente verificamos que o racismo se transformou na “principal bandeira” dos partidos de extrema-direita, juntamente com a “intolerância com as minorias sexuais” (Lowy, 2015:662-663). Assumindo uma postura intolerante face à diversidade social, cultural, étnica e religiosa patente em vários discursos e campanhas eleitorais, estes partidos transmitem a ideia que existem fragmentos da sociedade superiores e outros provenientes do exterior que devem ser rejeitados⁹ (Zaslave, 2009).

Outro aspeto prende-se às posturas autoritárias e violentas levadas a cabo pela extrema-direita o que parece, por vezes, dificultar o distanciamento em relação aos seus antepassados fascistas. Visto como um elemento essencial para estabelecer uma sociedade homogénea, o autoritarismo – associado ao populismo - permite evitar o pluralismo político e condicionar elementos que não correspondam aos moldes culturais e étnicos padronizados em determinada comunidade. Desta forma deparamo-nos com uma “ideologia repressiva” (Lowy, 2015:662) onde o uso da violência e até mesmo a defesa da pena de morte são mecanismos para defender os valores e os interesses da nação. No entanto nem todos os partidos de extrema-direita reconhecem o uso da força quer pelas suas origens quer pela figura do seu líder partidário. Verifica-se que quando o líder apresenta uma postura carismática e assume uma liderança mais firme é mais

⁸ Neste segmento podem-se enquadrar, por exemplo, os assuntos relacionados com as instâncias europeias como a União Europeia ou órgãos internacionais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO).

⁹ Desde o ressurgimento da extrema-direita que várias frações da sociedade têm sido alvo de perseguição como os judeus (Winock, 1994), ou mais recentemente, a população refugiada (Marchi e Bruno, 2016).

propenso ocorrerem discursos populistas e que apelem diretamente à violência como meio para defender a nação (Albright, 2018).

Atendendo aos contributos de Lowy (2014) torna-se pertinente destacar mais três características impossíveis de desassociar deste tipo de partidos, sendo elas os discursos anti-imigração, anti-integração e antiglobalização. Associado ao forte sentimento nacionalista, os partidos de extrema-direita defendem a ideia que a integração de imigrantes é prejudicial para os interesses nacionais quer no panorama económico (sobretudo, o desemprego), quer em setores como a educação e a saúde. Também as questões relacionadas com a insegurança e distúrbios sociais nas sociedades europeias são facilmente associados à presença de imigrantes – binómio entre imigração (predominantemente muçulmana) e insegurança (Borjas, 1994; Mitra, 1998; Givens, 2002; Mudde, 2007). Apesar das questões migratórias nem sempre terem sido o porta-voz principal da extrema-direita, a verdade é que a partir dos anos 70 este paradigma foi alterado, modificando por completo as prioridades dos principais líderes partidários extremistas¹⁰ (Marchi e Bruno, 2016:40). Além das questões migratórias também os refugiados tem suscitado uma “convergência das extremas-direitas na ofensiva conta a alegada falácia semântica do conceito” (Marchi e Bruno, 2016:44). Segundo as forças políticas da extrema-direita, os refugiados têm sido um pretexto para a emergência de “massas humanas deslocadas principalmente por razões económicas” (Marchi e Bruno, 2016:44). É com base nesta intransigência que se tem verificado um nítido controlo das zonas fronteiriças – exemplo da Hungria - com o objetivo de bloquear a entrada de população refugiada (Albright, 2018). Aliás, importa destacar aqui o papel do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán que afirmou que os refugiados “põem em perigo o nosso estilo de vida, a nossa cultura, os nossos hábitos e as nossas tradições cristãs”¹¹.

Igualmente patente na matriz ideológica da extrema-direita encontra-se o posicionamento antiglobalização. Estes suportam-se na ideia de “uma estrutura mundial em que interesses/classes dominantes localizados em grande parte – mas não inteiramente – no mundo industrial avançado, dominam e exploram o resto do mundo” (Brown e Ainley, 2012:24). Desta forma a extrema-direita rejeitam por completo os blocos políticos e económicos europeus e internacionais, e particularmente a pertença à UE que é vista

10 Tome-se como exemplo, agenda política da FN francesa que assinalou um marco nas questões anti imigratórias (Marchi e Bruno, 2016).

11 Viktor Órban, Discurso à Nação, Budapeste, 15 de março de 2016.

como uma ditadura na qual “o euro e a austeridade estão indissolúvelmente ligados”.¹² Por esta razão, é comum assistir-se a discursos eurocéticos e anti imigração de líderes de extrema-direita. Estes procuram atingir o maior número de eleitorado possível do qual “nenhum grupo social é imune” os partidos de extrema-direita atingem em vários países um forte impacto político que visa não só a “pequena burguesia e desempregados, mas também a classe trabalhadora e a juventude” (Lowy, 2015:658).

Figura 1.1 – Características ideológicas dos partidos de extrema-direita

Defesa de valores e instituições tradicionais	Sociedade padronizada - organicismo	Nacionalismo
Intolerância face à diversidade social e étnica	Autoritarismo e uso da violência	Populismo
Anti-imigração e anti-integração	Antiglobalização - Euroceticismo	Sentimento insegurança face ao desconhecido

Fonte: Realizado com base em Borjas (1994); Lowy (2014;2015), Marchi e Bruno (2016), Mitra (1998), Mudde (2007), Winock (1994) e Zaslove (2009)

1.3 – Origem, evolução histórica e sucesso eleitoral dos partidos de extrema-direita

A extrema-direita emergiu na sequência da Revolução Francesa (1789-1799). Num período marcado pela existência de um regime monárquico de cariz absolutista cuja concentração de poderes se encontrava exclusivamente na figura do rei, a existência de camadas da sociedade insatisfeitas era notória. Perante isto, e devido à exclusividade do monarca em dirigir a vida política, social e económica do estado, instalou-se uma forte onda de contestação originando uma intensa pressão social e um choque entre os diversos segmentos da sociedade francesa. Influenciada pela Revolução Americana (1776), a Revolução Francesa desencadeou um período de intensa agitação social devido ao objetivo de terminar com a monarquia e instaurar uma república democrática fundamentado pela “*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*”. Fortemente influenciado pelas vertentes iluministas que defendiam o princípio da separação de poderes¹³ – legislativo, executivo e judicial – e a existência de direitos e deveres para os cidadãos,

¹² Estas afirmações surgem na sequência de uma entrevista concedida pela líder da FN francesa, no dia 21 de Março de 2015, ao semanário Expresso.

¹³ Montesquieu, *Do Espírito das leis* (1748).

nasceu um novo capítulo da história política e social europeia. Assim é durante este período conturbado, onde fações da sociedade francesa mais conservadoras se opunham à implementação da república, que surgiu a extrema-direita sob a forma de um movimento contrarrevolucionário fortemente apoiado pelos elementos mais tradicionais da sociedade que continuavam a defender a monarquia.

Apesar da Revolução Francesa representar o marco fundador da extrema-direita importa salientar que o período mais relevante da sua afirmação surge no período pós I Guerra Mundial (1914-1918). Embora exista uma relutância dos atuais partidos de extrema-direita em assumir a sua ligação aos anteriores regimes fascistas e às suas práticas, é impossível desassociar os dois. Existe uma série de características comuns que correlacionam as bases ideológicas dos regimes fascistas – nomeadamente o regime de Mussolini em Itália e o regime nazi conduzido por Hitler – como o sentimento nacionalista, a defesa das instituições tradicionais e a intolerância étnica e cultural dos atuais partidos de extrema-direita. Como referido anteriormente, atualmente a extrema-direita procura afastar-se das trágicas experiências marcadas pelo uso da violência e a intolerância étnica e cultural, afirmando que se desenvolvem num contexto democrático (Paxton, 2007). Este argumento que visa o desenvolvimento dos partidos numa democracia até se assume pertinente quando estes referem que procuram responder às necessidades dos seus cidadãos enfrentando os problemas económicos e sociais existentes, porém parece questionável quando nos deparamos com “nações convencidas de que o caminho da glória se alcança desacreditando os outros e avançando sozinhas” (Albright, 2018:228). Importa reter que o fascismo emergiu na sequência de “um partido de base popular formado por militares nacionalistas” que “repudia as liberdades democráticas (...) por meio da violência redentora e sem estar submetido a restrições étnicas ou legais” (Paxton, 2007:368). Ao contrário do fascismo que emergiu num contexto particular de vulnerável marcado por um período de guerras (1919-1939), vários partidos de extrema-direita também aproveitaram contextos de instabilidade (económica, política e/ou social) para se formarem.

Face aos desenvolvimentos gerados pela II Guerra Mundial (1939-1945), que originaram a queda dos regimes fascistas na Alemanha e em Itália, assistiu-se a um desvanecimento da extrema-direita europeia cujo objetivo passou a ser a mera sobrevivência dos partidos. Como consequência, a expressão da extrema-direita foi praticamente insignificante durante anos 50 e 60, sendo que este período serviu também

para os partidos se reformulem em relação ao passado histórico e ajustarem as suas bases ideológicas, de acordo com a nova agenda política, económica e social. É neste seguimento que durante as décadas de 70 e 80 assiste-se a um ressurgimento exponencial da extrema-direita fundando-se a FN em França (1972), o Vlaams Belang (VB) na Bélgica (1978), e mais tarde a AD na Grécia (1980) e os Democratas Suecos (DS) em 1988. Os anos 90 dão continuidade a esta onda de crescimento levando ao aparecimento do PRM na Roménia, a LN em Itália (1991) ou o DFP na Dinamarca (1995). Todos estes avanços serviram para consolidar os ideais da extrema-direita pelo continente europeu, sendo que o seu rápido avanço surgiu também como resposta às novas forças de esquerda – esquerda radical - que começaram a despontar (Zaslove, 2009).

Acompanhando os avanços que ocorreram nas décadas anteriores, atualmente verificamos que os partidos de extrema-direita têm registado “um crescimento eleitoral significativo e ressurgido em contexto políticos nos quais estavam relegados ao ostracismo” (Carvalho, 2016:58). Tendo um impacto considerável na política nacional do seu respetivo estado, a extrema-direita institui-se também como uma força na agenda política europeia obtendo resultados eleitorais muito significativos. Aliás foi mesmo formado em 2015 um grupo parlamentar – ENF - que englobou as bases ideológicas extremistas, sendo que atualmente o mesmo foi substituído ainda durante 2019 pelo grupo ID. Presenciou-se também uma expansão geográfica da extrema-direita que parecia estar concentrada nas décadas de 80 e 90 nos países da Europa Central – Alemanha, Bélgica, França e Países Baixos – tendo começado a difundir-se pelos países nórdicos (Finlândia e Suécia) e pelo leste europeu (Bulgária, Hungria e Polónia).

Quer seja pela formação de partidos, como por exemplo o AFD na Alemanha, quer seja pelo estabelecimento de alianças extremistas – Patriotas Unidos na Bulgária (2016), a visibilidade eleitoral da extrema-direita tem sido crescente, levando mesmo vários partidos a ter influência na condução da política nacional. Isto que se comprova tanto pelos casos do FPO na Áustria (2017) e da LN em Itália (2018) que assumem governo, como também por partidos como o AFD na Alemanha, o DFP (Dinamarca), o Partido Conservador do Povo da Estónia (EKRE) ou do DS na Suécia que estão situados entre os três maiores partidos do seu sistema partidário. Assiste-se assim a uma ascensão do nacionalismo na Europa como resposta aos problemas derivados da crise económica, da imigração e da globalização, que possibilita pela “primeira vez, desde os anos 1930, que a extrema-direita alcance tal influência na política europeia” (Lowy, 2015:653). Esta

situação que se torna evidente pela forte onda fortalecida pela União Nacional Ataque (ATAKA) na Bulgária e pelo JOBBIK que, embora não assumam governo conseguem mobilizar uma enorme parte do eleitorado e condicionar agenda política e social nacional.

1.4 – Fatores explicativos do voto

Tendo como objetivo identificar os fatores associados ao voto nos partidos de extrema-direita apresentam-se agora os principais contributos sobre a temática, de modo a suportar as nossas hipóteses de investigação. Entre os fatores explicativos mais salientados na literatura encontra-se a crise económica¹⁴ de 2007 que afetou fortemente o contexto internacional e originou a falência das instituições de crédito (Caldas e Louça, 2009). Este quadro económico marcado pela desvalorização bolsista e por uma forte depressão económica que afetou fortemente a zona Euro proporcionando um decréscimo do produto interno bruto (PIB) e a variação da dívida pública (DP). Diversos autores (Rydgren (2002), Golder (2003), Droves (2014) ou Lowy (2014)) assumem que o desempenho eleitoral da extrema-direita se relaciona com a desvalorização económica e o desemprego, resultantes do efeito da austeridade. Subsiste mesmo a ideia de que “a crise económica que assola a Europa desde 2008, tem em geral (...) favorecido mais a extrema-direita do que a esquerda radical” (Lowy, 2014:2).

No que se refere às crises económicas e à sua relação com a extrema-direita verifica-se que os desempenhos eleitorais da extrema-direita aumentaram sempre nos cinco anos posteriores às recessões económicas (Funke, Schularick e Trebesch (2014))¹⁵. Associado às crises económicas encontra-se o desemprego que assume uma importância capital nas várias abordagens sobre o voto na extrema-direita (Anastasakis, 2001; Carter, 2005; Norris, 2005). Tal como refere Anastasakis (2001) o desemprego enquanto fator explicativo do voto não advém somente da incidência desse fenómeno mas também do receio da sociedade em torno da situação de desempregado. Considerado como um fator propício ao voto na extrema-direita (Droves, 2014) o desemprego surge várias vezes

¹⁴ Saliente-se que a crise ocorre na sequência de empréstimos de enorme risco – crédito do suprime – que provocou uma crise bolsista (2008) e a falência de instituições bancárias como o Lehman Brother (EUA). (Caldas e Louça, 2009).

¹⁵ Estes três economistas alemães realizaram um estudo onde analisaram a correlação existente entre 827 eleições parlamentares - divididas por 20 países - e o voto obtido pela extrema-direita.

como um elemento fundamental nas campanhas eleitorais, sendo utilizado não só como uma consequência direta da conjuntura financeira mas também como um efeito secundário produzido pela imigração¹⁶. Deste modo, a extrema-direita considera que a forte vaga de imigrantes tornou-os evidentemente nos “bodes expiratórios” e nos “culpados do desemprego” (Rocha, 2015: 49). Apesar desta relação teórica entre desemprego e a imigração desencadeada pelas estratégias eleitorais da extrema-direita, existem poucas evidências empíricas que confirmem esta associação (Borjas, 1994; Zimmerman, 1995).

Os fatores económicos constituem uma das principais explicações do voto na extrema-direita. Porém, também os padrões demográficos, nomeadamente os efeitos da imigração – e onde se enquadra ainda a crise dos refugiados - assumem um papel relevante na ascensão da extrema-direita (Rydgren, 2002; Albright, 2018). Durante o ano de 2015 a “imigração tornou-se o tema político preponderante na Europa, devido a um enorme pico de chegadas da Síria e do Norte de África” (Albright, 2018:221). Tal questão influenciou agenda política nacional (e europeia) e gerou enorme desconfiança face aos imigrantes. Assumindo uma postura de intolerância étnica, cultural e social baseada na culpabilização das minorias pelos problemas da sociedade, a extrema-direita vê assim a imigração como um elemento que não beneficia o poder político (Norris, 2005). A este respeito Mitra (1988) constatou que nas eleições legislativas franceses realizadas em 1986, 46% do eleitorado considerou a imigração como o principal motivo do voto. Podem-se mesmo assinalar vários exemplos em que a imigração proporcionou um aumento da extrema-direita na agenda política como foi o caso do AfD na Alemanha que conseguiu “entrar para o Parlamento e ocupar postos influentes na qualidade do terceiro maior partido” (Albright, 2018:221). No entanto o caso alemão não é único. A mesma intransigência face aos imigrantes afetou, por exemplo, o Reino Unido, mas também a Finlândia, a França ou a Suécia (Albright, 2018:222).

Na sequência deste ressentimento em relação aos imigrantes, importa salientar também o contributo de Matt Golder (2003). Para o autor, a imigração é um elemento central nas estratégias eleitorais da extrema-direita, podendo ser entendida de duas formas

¹⁶ Entre as campanhas eleitorais realizadas destaca-se a desencadeada pela FN em França durante as eleições europeias de 2014, sob o qual o desemprego foi diretamente associado à presença de imigrantes. Recorde-se que o *slogan* indicava que “Dois milhões de imigrantes são a causa de dois milhões de franceses sem trabalho”.

distintas. Por um lado, pode-se tratar a imigração como um fator meramente isolado – argumento idealista – por outro, pode ser um fator derivado de uma conexão resultante com o desemprego – argumento materialista. O argumento idealista encontra-se diretamente relacionado ao voto, na medida em que os cidadãos que não toleram os imigrantes exercem a sua preferência nos partidos de extrema-direita. Tal situação deve-se ao destaque dado pela extrema-direita à imigração e, ao facto, dos partidos *mainstream*, não serem vistos como agentes capazes de modificar as políticas migratórias. No entanto este argumento revela algumas limitações, uma vez que, existem países como a Áustria ou a França nos quais existe um grande volume de imigrantes, e os resultados eleitorais da extrema-direita são relevantes (Givens, 2002). O argumento materialista, por seu turno, baseia-se no facto do número de desempregados, nomeadamente cidadãos nacionais, ser uma consequência da imigração. No entanto, Golder (2003) apenas formula o argumento materialista porque existem análises que comprovam que as pessoas acreditam na relação entre desemprego e imigração, e não porque existam evidências estatísticas que realmente o comprovem.

A literatura refere ainda outros fatores que contribuem para explicar o voto nos partidos de extrema-direita, nomeadamente questões relacionadas com o plano demográfico: o envelhecimento populacional e a escolaridade (Norris, 2005)¹⁷. No que concerne ao primeiro fator este surge na sequência dos partidos de extrema-direita tenderem a ser apoiados por grupos mais desfavorecidos onde se enquadra a população mais envelhecida que se vê constantemente renegada e ameaçada pelo governo (Norris, 2005). Deste modo a autora indica que os elementos mais envelhecidos da sociedade, e por norma, mais conservadores, tendem a exercer o seu voto nos partidos mais à direita do espectro ideológico – onde se encontra a extrema-direita. Os elementos mais jovens da população tendem a optar, geralmente, por partidos de esquerda. Associado ao envelhecimento encontra-se outra característica pela qual os partidos de extrema-direita procuram agregar as massas – a escolaridade. Nas sociedades ocidentais atuais “os níveis crescentes de formação e a diversificação de informação, têm incentivado a um incremento da volatilidade dos eleitores” (Rocha, 2012:13), proporcionando o aparecimento da extrema-direita. Assim ao longo das suas campanhas eleitorais e discursos públicos, os partidos de extrema-direita tendem a incidir em camadas da

¹⁷ Obra intitulada “*Radical Right Voters and Parties in the Electoral Market*” (2005).

sociedade com níveis mais baixos de escolaridade, e mais suscetíveis de influenciar o voto (Anastasakis, 2001; Carter, 2005; Norris, 2005).

Constituindo-se como parte integrante das campanhas eleitorais da extrema-direita encontra-se as questões que envolvem a segurança da nação e a salvaguarda dos seus interesses económicos, políticos e sociais (Droves, 2014). Associado aos valores materialistas (Inglehart, 1977)¹⁸ as questões de segurança são vistas como algo “assegurado na generalidade das sociedades ocidentais, marcadas pela ausência de guerra e pela proteção social proporcionado pelos Estados-Providência (Rocha, 2015:19). Atualmente derivado da imigração, da crise dos refugiados e dos atos terroristas de grupos ultranacionalistas¹⁹, assistimos a uma clima de insegurança que paira por toda a Europa e tem vindo a ser alvo de atenção pelos vários governos nacionais e entidades governamentais internacionais. Face ao sucedido, tem-se assistido, por parte da extrema-direita, a uma série de discursos e ações “associados ao aumento da criminalidade e (em consequência) do sentimento de insegurança” (Rocha, 2015:49), sobretudo em países como a Bélgica, França, Finlândia, Países Baixos ou Reino Unido. Estes partidos vêm na criminalidade e no terrorismo uma forma de atrair eleitorado, alertando para a necessidade de reforçar “os meios de repressão” e “afirmar o primado da segurança sobre a liberdade” (Costa, 2011:777). Estes possíveis fatores explicativos do voto refletem os problemas contemporâneos presentes em vários estados, influenciando a estabilidade política, a violência²⁰, a aplicação das leis ou o controlo da corrupção. Assim a insegurança pode ser vista como uma razão suscetível ao voto não só da extrema-direita como dos restantes partidos do espectro político (Lowy, 2015).

Após se ter efetuado um enquadramento teórico sobre os partidos de extrema-direita e focando os fatores explicativos do voto, torna-se pertinente indicar as hipóteses de investigação. Existindo fatores empiricamente mais testados do que outros optou-se, em termos de formulação, por dividir as hipóteses por dois modelos de análise. O primeiro englobará os fatores já testados pela pesquisa prévia – crise económica, população estrangeira (imigrantes e refugiados) e envelhecimento populacional - enquanto o

¹⁸ “*The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*” (1977).

¹⁹ Destaque para os ataques operados pelo grupo jihadista islamita do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL), mais conhecido como *Daesh*.

²⁰ Existe na extrema-direita europeia uma forte “ideologia repressiva, o culto da violência policial” e ainda uma tendência para “restabelecer a pena de morte” (Lowy, 2015:662).

segundo remeterá para os fatores que, embora teorizados, ainda carecem de análise empírica – escolaridade, criminalidade/terrorismo e qualidade democracia).

- **Hipóteses de Investigação: Modelo 1**

H1a: Quanto maior for a Dívida Pública, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H1b: Quanto menor for o Produto Interno Bruto, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H1c: Quanto maior for a Taxa de desemprego, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H1d: Quanto maior a for a Taxa de inflação, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H2a: Quanto maior for o número de imigrantes, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H2b: Quanto maior o número de refugiados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H3a: Quanto mais significativo for o Grupo Etário 65 ou mais anos, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H3b: Quanto maior for a Idade Média, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

- **Hipóteses de Investigação: Modelo 2**

H4: Quanto maior for o índice de educação, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H5a: Quanto maior for o número de crimes registados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H5b: Quanto maior for o número de homicídios registados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H5c: Quanto maior for o número de incidentes ou tentativas terroristas, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6a: Quanto mais baixos forem os níveis de *Voice and Accountability*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6b: Quanto mais baixos forem os níveis de *Political Stability and Absence of violence*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6c: Quanto mais baixos forem os níveis de *Government Effectiveness*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6d: Quanto mais baixos forem os níveis de *Regularity Quality*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6e: Quanto mais baixos forem os níveis de *Rule of Law*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

H6f: Quanto mais baixos forem os níveis de *Control of Corruption*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresenta a estratégia metodológica adotada para a condução deste projeto de investigação. Numa primeira fase serão apresentadas as variáveis em análise e o modelo de análise com a operacionalização de conceitos. De seguida será indicado o tipo de métodos e técnicas utilizadas para a recolha e análise de dados, os casos e o lapso temporal selecionados, e ainda o tipo de dados e as suas respetivas fontes.

2.1 – Modelo de análise: operacionalização de conceitos

Tendo como o objetivo principal identificar quais as variáveis explicativas que melhor explicam o voto na extrema-direita torna-se pertinente apresentar o modelo de análise que permitirá interligar a teoria à componente empírica. Deste modo, esta investigação terá como variável dependente a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita nas eleições legislativas nos 28 estados-membros da UE. A bateria de variáveis independentes visa cobrir os fatores que motivam o voto nestes partidos. Sabendo que existem fatores explicativos que a literatura tem vindo a consolidar como mais relevantes e outros face a outros menos salientados mas que são vistos como

possíveis impulsionadores do voto, importa salientar que o presente projeto de investigação assumirá dois planos de análise. Numa primeira instância serão testados os fatores mais salientados na literatura - Modelo de Análise 1 – entre os quais a crise económica, a população estrangeira (imigração e refugiados) e o envelhecimento populacional. Sendo depois analisados outros fatores do voto – Modelo de Análise 2 - que, embora se encontrem mencionados por diversos autores ainda não foram testados empiricamente, nomeadamente a escolaridade, a criminalidade/terrorismo e a qualidade da democracia.

Para sistematizar o plano metodológico que guiará esta investigação procedeu-se à operacionalização das variáveis em estudo. De modo, a operacionalizar as dimensões explicativas em análise e a estabelecer um elo de ligação com as hipóteses formuladas, importa observar a tabela 1. Conforme se constata a mesma revela que a variável dependente incide no voto, sendo composta pela “performance eleitoral” que será medido através do indicador performance eleitoral”. No que concerne às variáveis independentes, as hipóteses (H1a, H1b, H1c e H1d) que testam a importância da crise económica será medida por uma série de indicadores: a “dívida pública (DP)”, o “produto interno bruto (PIB)”, a “taxa de desemprego” e a “taxa de inflação”. Importa salientar que se pretende testar a importância de cada indicador isoladamente dado a sua preponderância na literatura. Relativamente às hipóteses que incidem na dimensão “população estrangeira” esta será medida por dois indicadores: “número de imigrantes” (H2a) e “população refugiada” (H2b). Incidindo na importância das características demográficas e sociais, estas focam o “envelhecimento populacional” e a “escolaridade”. O primeiro será medido pelos seguintes indicadores “grupo etário (65 ou mais anos)” e a “média de idades” (H3a e H3b), enquanto que o segundo será medido através do “índice de educação” (H4). Entre as razões que motivam a escolha destes indicadores encontram-se a fidedignidade dos dados que provém do Eurostat e do *United Nations Development Programme (UNDP)*, respetivamente. No que concerne à dimensão “criminalidade/terrorismo” esta contempla a análise do seu efeito sobre o voto, mediante um conjunto de indicadores: “crimes registados” (H6a), “homicídios registados” (H6b) e o “número de incidentes ou tentativas terroristas” (H6c). Por último, a “qualidade da democracia” (H7a; H7b; H7c; H7d; H7e; H7f) será aferida por seis indicadores derivados do *Worldwide Governance Indicators (The World Bank Group)*, sendo eles: “*Voice and Accountability*”, “*Political Stability and Absence of violence*”, “*Government Effectiveness*”, “*Regularity Quality*”, “*Rule of Law*”

e “*Control of Corruption*”. De referir que estes indicadores contemplam a agregação de dados produzidos por institutos de pesquisa e organizações não-governamentais e internacionais, permitindo analisar a qualidade de governança em mais de 200 países entre 1996 e 2018.

Tabela 2.1 – Operacionalização da variável dependente e independentes

Variável	Dimensão	Indicador
Dependente	Performance eleitoral	Porcentagem de voto eleitoral
		Dívida Pública (DP)
	Crise Económica	Produto Interno Bruto (PIB)
		Taxa de Desemprego
		Taxa de Inflação
		Número de Imigrantes
	População Estrangeira	População Refugiada
		Grupo Etário (65 ou mais anos)
	Envelhecimento Populacional	Idade Média
		Escolaridade
Independente	Criminalidade/Terrorismo	Índice Educação
		Crimes registados
		Homicídios registados
	Qualidade Democracia	Número de incidentes ou tentativas terroristas
		<i>Voice and Accountability</i>
		<i>Political Stability and Absense of violence</i>
		<i>Government Effectiveness</i>
		<i>Regularity Quality</i>
		<i>Rule of Law</i>
		<i>Control of Corruption</i>

2.2 – Metodologia e dados

Tendo em conta o objeto de estudo e os objetivos previamente estipulados para esta investigação, o método adotado é o extensivo dado que se trata de uma abordagem

de cariz quantitativo. Conforme se referiu esta análise englobará um extenso número de casos dado que pretende examinar a performance eleitoral dos partidos de extrema-direita ao nível legislativo nos 28 estados-membros da UE (1990-2018). Tratando-se de uma investigação de carácter quantitativo devido ao número de casos em análise – 38 976 unidades de análise – procedeu-se à construção de uma base de dados que agrega-se todos os indicadores referidos. Antes de mais optou-se por criar uma base específica para aglomerar toda a informação necessária para investigação, e depois para proceder testar as correlações entre as variáveis em estudo. Juntamente à base dados realizou-se uma intensa pesquisa descritiva sobre os partidos de extrema-direita procurando identificar todos os partidos existentes entre 1990 e 2018, as eleições legislativas em que participaram e, conseqüentemente a percentagem de voto obtida.

O presente estudo aglomera 138 partidos de extrema-direita distribuídos pela Europa, num total de 221 eleições legislativas durante 28 anos (1990-2018). Entre as razões que motivaram a escolha destes partidos e eleições encontra-se a necessidade de realizar um balanço geral sobre a preponderância eleitoral da extrema-direita através dos fatores explicativos do voto, sendo que o objetivo passava por aferir o impacto nacionalmente. Dado a abrangência desta investigação optou-se por seleccionar os países da UE como alvo de análise, inclusive o Reino Unido porque a sua saída oficial apenas se consolidará em 2019 e o estudo remete até ao ano de 2018. No que diz respeito ao lapso temporal este engloba um período relativamente extenso – 28 anos – permitindo reunir mais informação que permita identificar os fatores explicativos do voto na extrema-direita. Optou-se por iniciar o lapso em 1990 porque coincide com a vaga democrática que afetou o continente europeu derivado do fim do comunismo e da queda do muro de Berlim. Além disto, dado que a investigação requereu a extração de dados estatísticos provenientes de bases nacionais e internacionais, existe falta de dados no período anterior a 1990, nomeadamente nos países que compunham a antiga União Soviética. Por fim, a seleção até ao de 2018 remete essencialmente para o facto de abranger as últimas eleições legislativas realizadas nesse ano – Eslovénia, Hungria, Itália, Letónia, Luxemburgo e Suécia - permitindo obter resultados eleitorais mais atualizados sobre o desempenho da extrema-direita.

Tratando-se de uma análise que envolve o uso do método extensivo e a recolha e tratamento de dados estatísticos, importa salientar de onde os mesmos foram extraídos. No que se refere à percentagem de voto eleitoral esta foi recolhida essencialmente junto

de duas bases de dados internacionais, o *Parties & Elections* e o *Election Resources*, sendo posteriormente completada pelas bases nacionais referentes às eleições legislativas de cada país. Relativamente às variáveis independentes, estas pressupõe uma série de fontes estatísticas sobre a “crise económica” importa salientar que os dados advêm do Eurostat (DP, PIB, a “taxa de desemprego”) e do Banco Mundial (“taxa de inflação”)²¹. Relativamente à imigração, o “número de imigrantes” provém do *Eurostat* enquanto o “número de refugiados” tem como fonte o *Banco Mundial* baseado no *United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR)*. De seguida os dados relativos ao envelhecimento populacional – “Grupo Etário 65 ou mais anos e “idade média” - foram extraídos do *Eurostat*. Por sua vez, os dados sobre a escolaridade, mais concretamente o “índice de educação” foi fornecido pela *United Nations Development Programme (UNDP)*. No que diz respeito aos dados relativos à criminalidade/terrorismo, estes provém do *Eurostat*, com exceção do indicador “número de incidentes ou tentativas terroristas” que é proveniente do *Global Terrorism Database*. Por último, os indicadores que medem a “qualidade da democracia”, foram recolhidos de uma base de dados elaborada pelo *Banco Mundial* intitulada *Worldwide Governance Indicators (WGI)*.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

O presente capítulo procede à análise e interpretação dos dados empíricos. Numa primeira fase incide-se num plano descritivo sobre a performance eleitoral da extrema-direita, sendo posteriormente apresentada uma análise multivariada que contempla a realização de dois modelos de regressão linear múltipla – Modelo 1 e Modelo 2.

3.1 – Análise Descritiva

No que respeita à percentagem do voto nos partidos de extrema-direita verifica-se que, no geral, este varia entre as 221 eleições legislativas dos diferentes países da UE. A média de voto total de todos os partidos de extrema-direita, entre 1990 e 2018, é de 7,61%. Em relação aos valores alcançados somente por um partido, os mesmos variam entre a não obtenção de votos e os 34,06%. De modo a compreender melhor a evolução do voto

²¹ De notar que os dados referentes ao PIB e à DP são ainda complementados pelo *Country Economy*.

nos partidos de extrema-direita na Europa elaborou-se o gráfico 1 que apresenta a percentagem média de voto por país e lapso temporal (1990-2003 e 2004-2018). Efetuou-se o cálculo da média que engloba a participação de todos os partidos de extrema-direita de cada país, de acordo com as eleições legislativas realizadas, perfazendo assim percentagem média do voto²².

No que concerne ao período de 1990 até 2003, verifica-se que existem diferenças consideráveis na média de voto. Existem países como a Áustria (19,61%), a Letónia (12,9%), a França (12,87%), a Bélgica (10,61%), Itália (9,53%) ou a Roménia (9,33%) que têm valores mais elevados, ao contrário de Chipre, Irlanda, Lituânia e Malta onde os partidos de extrema-direita, apesar de existirem em alguns casos, não têm expressão eleitoral. Aliás mesmo países que, atualmente se deparam com a ascensão da extrema-direita como a Alemanha (0,83%) ou a Estónia (0,5%), têm valores médios de votação muito baixos. No período entre 2004 e 2018, assiste-se ao aumento do número de países com valores médios de votação elevados como: a Áustria (18,77%) que mantém a melhor média de voto; a Dinamarca (15,15%), a Hungria (14,6%), a Finlândia (13,65%) e os Países Baixos (13,5%) que surgem como novos impulsionadores dos partidos de extrema-direita. Note-se ainda que a Itália (11,78%), a Letónia (11,55%) e a França (11,05) mantêm as médias expressivas de voto nos partidos de extrema-direita. Verifica-se também que a maioria dos países europeus conta com a presença da extrema-direita em eleições legislativas, com algumas exceções, como o Luxemburgo. Porém, existem estados como Irlanda e Malta que embora tenham registado a participação de partidos de extrema-direita em eleições legislativas, a mesma é insignificante.

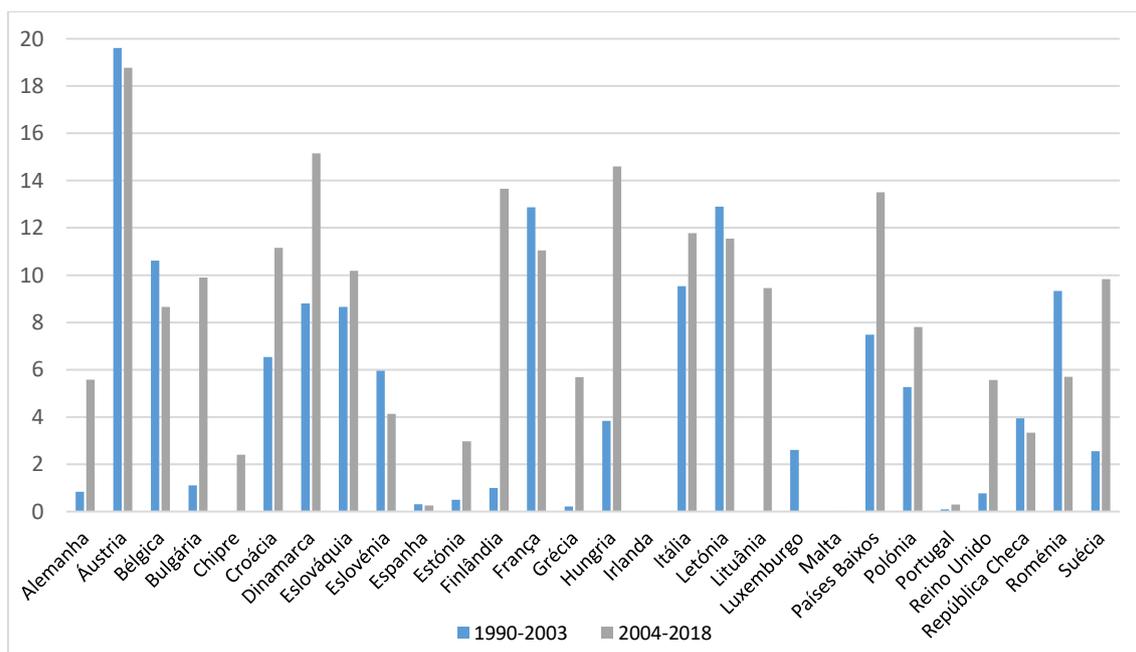
Comparando os dois lapsos temporais, observa-se um aumento dos resultados eleitorais dos partidos de extrema-direita na Europa. Registando alterações expressivas no voto, a maior taxa de variação ocorre na Finlândia que entre 1990-2003 e 2004-2018 registou um aumento da média de voto em torno dos 12,65%. Também a Hungria e a Lituânia aumentaram significativamente a média de voto, obtendo mais 10,77% e 9,45%, respetivamente. A acompanhar esta tendência encontram-se outros países europeus como a Bulgária (8,8%), a Suécia (7,28%), a Dinamarca (6,35%), a Alemanha (4,75%) e a Croácia (4,63%). No entanto, apesar da média do voto nos partidos de extrema-direita aumentar de forma geral entre 1990-2003 e 2004-2018, importa salientar que alguns

²² Consultar Anexo A para obter mais informações referentes à evolução da média de voto eleitoral dos partidos de extrema-direita na UE.

países cuja média era elevada em 1990-2003, observaram uma diminuição dos valores médios de voto, embora os mesmos continuem a ser altos. Entre os casos em questão encontram-se a Áustria (que registou um decréscimo de -0,84% entre os dois períodos), a França (de -1,82%) e a Letónia (de -1,35%).

Em termos gerais verifica-se que a média de voto nos partidos de extrema-direita, entre 1990 e 2003, atinge 6,6% nos 28 estados-membros da UE. Este valor médio aumentou nos anos posteriores, mais concretamente, entre 2004 e 2018, a média de voto nos partidos de extrema-direita foi de 8,35%. De referir que os anos em que a média de voto foi mais elevada são os seguintes em 2018 (15,17%), 2017 (13,20%), 1999 (13,16%), 2015 (12,27) e 1995 (11,31%). Os anos de 1991 (3,88%), 2004 (4,25%) e 1996 (4,62%) registaram a média mais baixa de voto em partidos de extrema-direita em eleições legislativas ocorridas nos países da UE.

Gráfico 3.1 - Média de voto eleitoral nos partidos de extrema-direita por país e lapso temporal (%)



Fonte: Realizado com base no *Parties & Elections, Election Resources* e nas bases de dados legislativas nacionais.

3.2 – Análise Multivariada

Tendo em conta os objetivos da investigação procedeu-se à elaboração de dois modelos de análise nos quais se realizam duas regressões lineares múltiplas. As mesmas

visam, numa primeira fase, compreender a relação entre o voto eleitoral e os fatores explicativos mais salientados na literatura – Modelo 1 -, e posteriormente analisar outros fatores que, embora teorizados, ainda não foram testados empiricamente – Modelo 2.

3.2.1 – Modelo de análise 1

Tendo em conta os objetivos da investigação procedeu-se à realização de uma Regressão Linear Múltipla que pretende estudar a relação entre o voto eleitoral e os restantes fatores mais salientados na literatura. Os resultados desta análise demonstram que o modelo 1 é adequado, ou seja, é estatisticamente significativo ($F(8,128) = 2,163$, $p = 0,034$). O modelo permitiu concluir que o voto nos partidos de extrema-direita está fracamente correlacionado com o conjunto de variáveis explicativas ($R = 0,345$). Verifica-se que apenas 6,4% da variação do voto eleitoral dos partidos de extrema-direita é explicada pelo modelo linear ($R^2 \text{ Ajustado} = 0,064$).

Apesar do modelo ser significativo, nem todas as variáveis tem um efeito significativo sobre o voto nos partidos de extrema-direita. Analisando a tabela 2 verifica-se que apenas existem dois fatores que explicam significativamente o voto nos partidos de extrema-direita, sendo eles a média de idades ($T = 2,175$, $p = 0,031$) e o número de imigrantes ($T = -1,912$, $p = 0,05$). As variáveis dívida pública ($T = 1,005$, $p = 0,317$), produto interno bruto ($T = 1,034$, $p = 0,303$), taxa de desemprego ($T = -1,341$, $p = 0,182$), taxa de inflação ($T = -0,523$, $p = 0,602$), população refugiada ($T = 0,314$, $p = 0,754$) e grupo etário ($T = -1,313$, $p = 0,192$) não se revelaram significativas²³.

Incidindo sobre os efeitos significativos, importa entender que estes não são idênticos. O efeito mais importante é o da média de idades ($\text{Beta} = 0,408$), sendo que mantendo tudo o resto constante, esta tem um efeito positivo no aumento do voto nos partidos de extrema-direita nas eleições legislativas. Isto é, quanto mais elevada a idade dos eleitores nos países em análise, maior a percentagem de voto em partidos de extrema-direita. Em relação à variável número de imigrantes ($\text{Beta} = -0,389$), esta não apresenta uma importância tão preponderante como a média de idades, sendo que o seu efeito é negativo. Neste caso à medida que o número de imigrantes diminui, mantendo tudo o resto constante, a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita é também menor.

²³ Consultar Anexo B referente à análise multivariada realizada para o Modelo 1.

De modo a compreender o contributo individual de cada fator explicativo para a variação do voto hierarquizaram-se as variáveis explicativas. Assim, registou-se que a média de idades é o fator que mais explica o voto nos partidos de extrema-direita na Europa (R^2 Part = 3,24), sendo seguida do número de imigrantes (R^2 Part = 2,52). As restantes predições apresentam valores bastante mais reduzidos.

Tabela 3.1 – Fatores determinantes do voto eleitoral dos partidos de extrema-direita – Modelo 1

Variáveis Explicativas	Beta	R ² Part %
Dívida Pública (% PIB)	0,100	0,68
Produto Interno Bruto	0,192	0,73
Taxa de Desemprego	-0,120	1,23
Taxa de Inflação	-0,050	0,18
Número de Imigrantes	-0,389*	2,52
População Refugiada	0,042	0,06
Grupo Etário (65 ou mais anos)	-0,254	1,18
Idade Média	0,408*	3,24
	R ² Ajustado	0,064
	F (8,128)	2,1633

*p<0,05

3.2.2 – Modelo de análise 2

Dado que o modelo 1, referente aos fatores explicativos mais salientados pela pesquisa prévia é pouco robusto (6,4% da variação), construiu-se o modelo 2, que contempla outros possíveis fatores explicativos do voto eleitoral ainda não testados empiricamente. A tabela 3 engloba não só os fatores mais salientados na literatura mas também novas variáveis explicativas, com vista a explicar mais significativamente a variância do voto nos partidos de extrema-direita europeus em eleições legislativas.

Os resultados obtidos evidenciam que o modelo é adequado, sendo estatisticamente significativo ($F(18,66) = 2,316, p=0,007$). Consta-se que este modelo denota uma forte correlação entre o voto nos partidos de extrema-direita e o conjunto de variáveis explicativas em análise ($R=0,622$). O mesmo permite concluir que 22% da variação do voto nos partidos de extrema-direita é explicada pelo conjunto de variáveis independentes presentes neste modelo linear (R^2 Ajustado = 0,220).

Após analisar a adequabilidade do modelo (Teste F) e as suas medidas de qualidade (R e o R² Ajustado), importa salientar que nem todas as variáveis assumem a mesma relevância, ou seja, nem todas tem um efeito significativo sobre o voto nos partidos de extrema-direita. Os resultados evidenciam que apenas quatro das dezoito variáveis tem um efeito significativo sobre o voto, sendo eles: a dívida pública (T=3,326, p=0,001), o número de homicídios registados (T=2,592, p=0,012), *Regularity Quality* (T=2,723, p=0,008) e *Rule of Law* (T=-2,348, p=0,022). As restantes variáveis explicativas não têm significância estatística, a saber: produto interno bruto (T=0,481, p=0,632), taxa de desemprego (T=0,334, p=0,739), taxa de inflação (T=1,859, p=0,068), população refugiada (T=0,563, p=0,575), grupo etário (T=-1,484, p=0,142), índice de educação (T=1,773, p=0,081), crimes registados (T=-1,304, p=0,197), número de incidentes ou tentativas terroristas (T=-0,899, p=0,372), *Voice and accountability* (T=-0,965, p=0,338), *Political Stability and Absense of violence* (T=-0,454, p=0,652), *Government Effectiveness* (T=0,960, p=0,341) e *Control of Corruption* (T=1,347, p=0,183). Conclui-se também que, ao contrário do que sucedeu no Modelo 1, as variáveis relativas aos números de imigrantes (T=-1,061, p=0,292) e à média de idades (T=1,168, p=0,247) não tem um efeito significativo.²⁴

Centrando a análise sobre as variáveis estatisticamente significativas verifica-se que estas são distintas quanto à sua importância. Embora a variável com o efeito mais importante seja *Rule of Law* (Beta=-0,840) verifica-se que a mesma detém um efeito negativo no voto nos partidos de extrema-direita. Por sua vez as variáveis *Regularity Quality* (Beta=-0,709) e número de homicídios registados (Beta=0,692) apresentam efeitos positivos no aumento do voto nos partidos de extrema-direita europeus em eleições legislativas. Em relação à dívida pública (Beta=0,500) esta também assume um efeito positivo, sendo que mantendo tudo o resto constante, quanto maior a dívida pública mais elevado será o voto nos partidos de extrema-direita na Europa.

Com vista a aferir a importância do contributo individual de cada variável explicativa na variação do voto, hierarquizaram-se novamente os fatores explicativos mais importantes. Entre as variáveis em análise, a dívida pública é o que mais explica o voto eleitoral nos partidos de extrema-direita europeus nas eleições legislativas (R² Part = 10,24%). De seguida, surgem outros fatores que também assumem um impacto na

²⁴ Consultar Anexo C referente à análise multivariada realizada para o Modelo 2.

explicação da variação do voto eleitoral, sendo eles, *regularity quality* (R^2 Part = 6,86%), os homicídios registrados (R^2 Part = 6,25%) e *Rule of Law* (R^2 Part = 5,10%). De notar que as restantes variáveis apresentam valores mais reduzidos com exceção da taxa de inflação (R^2 Part = 3,20%) e do índice de educação (R^2 Part = 2,92%), embora ambas não sejam estatisticamente significativas.

Tabela 3.2 – Fatores determinantes do voto eleitoral dos partidos de extrema-direita – Modelo 2

Variáveis Explicativas	Beta	R ² Part %
Dívida Pública (% PIB)	0,500**	10,24
Produto Interno Bruto	0,280	0,21
Taxa de Desemprego	0,047	0,10
Taxa de Inflação	0,223	3,20
Número de Imigrantes	-0,257	1,04
População Refugiada	0,184	0,29
Grupo Etário (65 ou mais anos)	-0,341	2,04
Idade Média	0,300	1,27
Índice Educação	0,267	2,92
Crimes registados	-1,138	1,58
Homicídios registados	0,692*	6,25
Incidentes ou tentativas terroristas	-0,118	0,75
<i>Voice and Accountability</i>	-0,398	0,86
<i>Political Stability and Absence of violence</i>	-0,090	0,19
<i>Government Effectiveness</i>	0,317	0,86
<i>Regularity Quality</i>	0,709*	6,86
<i>Rule of Law</i>	-0,840*	5,10
<i>Control of Corruption</i>	0,608	1,69
	R ² Ajustado	0,22
	F (18,66)	2,316

*p<0,05 **p<0,001

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo analisar a evolução do voto nos partidos de extrema-direita europeus e, principalmente, em testar empiricamente quais os fatores explicativos que motivam essa mesma escolha. Atendendo à questão de partida formulada, a saber: Quais os fatores explicativos da performance eleitoral dos partidos de extrema-direita europeus em eleições legislativas entre 1990 e 2018?, criaram-se dois modelos de análise. O primeiro modelo testa o conjunto de variáveis – crise económica, imigrantes e refugiados, envelhecimento populacional – mais salientadas no plano teórico. Relativamente ao segundo modelo, o mesmo engloba não só os fatores explicativos mais destacados na literatura como também novas variáveis – escolaridade, criminalidade/terrorismo e a qualidade da democracia. Assim importa determinar quais as hipóteses de investigação que são confirmadas ou infirmadas²⁵.

Apesar do primeiro plano de análise – Modelo 1 - se revelar adequado ($F(8,128) = 2,163, p = 0,034$) verificou-se que o voto eleitoral nos partidos de extrema-direita apresenta uma correlação fraca pelo conjunto de variáveis explicativas ($R=0,345$). Explicando somente 6,4% da variação do voto eleitoral, importa salientar que somente duas variáveis, mais concretamente o número de imigrantes ($T = -1,912, p = 0,05$) e a média de idades ($T = 2,175, p = 0,031$) se revelaram estatisticamente significativas confirmando as suas respetivas hipóteses. Desta forma, quanto maior for o número de imigrantes, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE (H2a). Em relação à média de idades, verifica-se que quanto maior for, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE (H3b).

Tendo em consideração que as variáveis independentes testadas no modelo 1 se apresentaram como pouco explicativas do voto nos partidos de extrema-direita, formulou-se o modelo 2 - que engloba novos fatores explicativos. Com base neste observa-se que é consideravelmente mais adequado face ao anterior ($F(18,66) = 2,316, p = 0,007$), apresentando um forte corelacionamento entre o voto eleitoral e o conjunto dos fatores explicativos ($R=0,622$). Explicando 22% da variação do voto nos partidos de extrema-direita na europa evidenciou-se que quatro variáveis são significativas: “a dívida pública ($T=3,326, p=0,001$), o número de homicídios registados ($T=2,592, p=0,012$), *Regularity*

²⁵ De modo a sistematizar os resultados elaborou-se a Tabela 4.1 que identifica as hipóteses formuladas e o resultado das mesmas consoante o modelo de análise em estudo.

Quality (T=2,723, p=0,008) e *Rule of Law* (T=-2,348, p=0,022). Tendo em conta a hipótese 1a pode-se assim concluir que quanto maior for a dívida pública, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da europa. Relativamente à hipótese 5b foi confirmada revelando que quanto maior for o número de homicídios registados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita na europa. Em relação à hipótese 6d constata-se que esta também é afirmada pelo modelo 2 que determina que quanto mais baixos forem os níveis de *Regularity Quality*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita. Por último a hipótese 6e também é confirmada, indicando que quanto mais baixos forem os níveis de *Rule of Law*, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE. No que concerne à análise das restantes hipóteses de investigação as mesmas foram infirmadas.

Tabela 4.1 – Resultados hipóteses de investigação

Hipóteses		Resultado
H1a	Quanto maior for a Dívida Pública, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: ✓
H1b	Quanto maior for o Produto Interno Bruto, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: X
H1c	Quanto maior for a taxa de desemprego, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: X
H1d	Quanto maior for a taxa de inflação, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: X
H2a	Quanto maior for o número de imigrantes, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: ✓ Modelo 2: X
H2b	Quanto maior for o número de refugiados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: X
H3a	Quanto mais significativo for o Grupo Etário 65 ou mais anos, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: X Modelo 2: X
H3b	Quanto maior for a Idade Média, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 1: ✓ Modelo 2: X
H4	Quanto maior for o índice de educação, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: X
H5a	Quanto maior for o número de crimes registados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE	Modelo 2: X
H5b	Quanto maior for o número de homicídios registados, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE	Modelo 2: ✓
H5c	Quanto maior for o número de incidentes ou tentativas terroristas, mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE	Modelo 2: X

H6a	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Voice and Accountability</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: X
H6b	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Political Stability and Absense of violence</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: X
H6c	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Government Effectiveness</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: X
H6d	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Regularity Quality</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: ✓
H6e	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Rule of Law</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: ✓
H6f	Quanto mais baixos forem os níveis de <i>Control of Corruption</i> , mais elevada será a percentagem de voto nos partidos de extrema-direita da UE.	Modelo 2: X

Legenda: X – Hipótese infirmada; ✓ - Hipótese Confirmada

Correspondendo aos objetivos estipulados, num primeiro plano conseguiu-se aprofundar a evolução do voto na extrema-direita. Através da análise descritiva verificou-se que a média de voto de extrema-direita na Europa, entre 2004 e 2018 encontrava-se nos 8,35%, comprovando que ocorreu um crescimento eleitoral de mais 1,75%, comparativamente aos anos entre 1990 e 2003 que registaram 6,6%. Após este objetivo incidiu-se na análise aos fatores explicativos do voto nos partidos de extrema-direita com o intuito de observar quais as variáveis mais significativas. Assumindo uma relevância considerável para a temática foi possível testar novas variáveis explicativas (através do modelo 2) – escolaridade, criminalidade/terrorismo e qualidade da democracia - do voto eleitoral nos partidos de extrema-direita permitindo assim aumentar o empirismo. Em relação às dificuldades ocorreram, sobretudo na obtenção de determinados dados posteriores ao ano 2000, nomeadamente em países de leste antigos membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Em termos futuros seria bastante pertinente elaborar novos estudos que voltassem a analisar os fatores explicativos do voto nos partidos de extrema-direita na Europa. De modo a enriquecer o quadro empírico já existente era relevante incluir novas variáveis explicativas que permitissem aprofundar pormenorizadamente os motivos que estão na origem do voto eleitoral. Igualmente pertinente seria a restringir a pesquisa a um núcleo específico que países cuja preponderância eleitoral dos partidos de extrema-direita seja mais elevada, e comparar quais os fatores explicativos mais relevantes para cada país. Esta dissertação mostra-se também enriquecedora para futuras pesquisas devido ao extenso conjunto de dados recolhidos sobre os partidos de extrema-direita.

BIBLIOGRAFIA

- Albright, Madeleine (2018), *Fascismo: Um alerta*, Nova Iorque, HarperCollins Publishers.
- Anastasakis, Othon (2001), “Post-communist extremism in Eastern Europe: the nature of the phenomenon”, *Studies in Ethnicity and Nationalism*, 1, 2.
- Borjas, George (1994), “The economics of immigration”, *Journal of Economic Literature*, 32, 4.
- Brown, Chris e Kirsten Ainley (2012), *Understanding International Relations*, Londres, Palgrave.
- Caldas, José e Francisco Louça (2009), *Economia(s)*, Porto, Afrontamento.
- Carter, Elisabeth (2005), *The Extreme Right in Western Europe*, Manchester, Manchester University Press.
- Carvalho, João (2016), “Partidos de Extrema-Direita e a Gestão da crise do asilo na Europa: o caso francês”, *Relações Internacionais*, 50.
- Costa, José (2011), “O Partido Nacional Renovador: a nova extrema-direita na democracia portuguesa”, *Análise Social*, 46.
- Droves, Rochely (2014), “Ascensão da Extrema-Direita na Europa: Consequências para a União Europeia”, *Revista Cippus*, 3, 2.
- Funke, Manuel *et al* (2015), “Going to Extremes: Politics after Financial Crisis, 1870-2014”, *European Economic Review*, 88.
- Gattinara, Pietro *et al* (2013), “The appeal of neo-fascism in times of crisis: The experience of CasaPound Italia” *Brill – Fascism Journal of Comparative Fascist Studies*, 2.
- Givens, Terri (2002), “The Role of Socioeconomic Variables in the Success of Radical Right Parties” em Martin Schain *et al* (orgs.), *Shadows over Europe: the development and impact of the extreme right in Western Europe*, Nova Iorque, Palgrave.
- Golder, Matt (2003), “Explaining variation in the success of extreme right parties in Western Europe”, *Comparative Political Studies*, 3, 4.

- Ignazi, Piero (1996), “The Intellectual Basis of Right-wing Anti-Partysm”, *European Journal of Political Research*, 29.
- Kitschelt, Herbert (1995), *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*, Michigan: University of Michigan.
- Lowy, Michael (2014), “Dix thèses sur l’extrême-droite en Europe – « Un mouvement antifasciste ne sera efficace que s’il est impulsé par des forces qui se situent hors du consensus néo-libéral dominant””, *Europe Solidaire Sans Frontières*, 1 Junho, Disponível em: <http://www.europe-solidaire.org/spip.php?article32128>, consultado em 11 Junho de 2018.
- Lowy, Michael (2015), “Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil”, *Serviço Social e Sociedade*, 124.
- Lukes, Steven. (2003). “Epilogue: The grand dichotomy of the twentieth century” em Terence Ball and Richard Bellamy (orgs.), *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. Cambridge: University Press.
- Marchi, Riccardo e Guido Bruno (2016), “A crise dos refugiados”, *Relações Internacionais*, 50.
- Mitra, Subrata (1988), “The National Front in France – A Single-Issue Movement?”, *West European Politics*, 11.
- Mudde, Cas (1995), “Right-Wing Extremism Analyzed. A Comparative Analysis of the Ideologies of Three Alleged Right-Wing Extremist Parties”. *European Jnl of Political Research*, 27, 2.
- Mudde, Cas (1999), “The Single-Issue Party Thesis: Extreme Right Parties and the Immigration Issue”, *West European Politics*, 22, 3.
- Mudde, Cas (2007), *Populist radical right parties in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Norris, Pippa (2005), *Radical Right. Voters and Parties in the Electoral Market*, Nova Iorque, Cambridge University Press.
- Paxton, Robert (2007), *A anatomia do fascismo*, São Paulo, Paz e Terra.
- Pinto, Jaime (1996), *A Direita e as Direitas*, Lisboa, Difel.

- Rocha, Frederico (2012), *Donos do seu próprio caminho: a estrutura política e o sucesso eleitoral da direita radical na Europa, 1990-2010*, Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Rocha, José (2015), *A Frente Nacional francesa. Génesis do partido e análise das intervenções parlamentares dos seus eurodeputados durante a sétima legislatura (2009-2014) do Parlamento Europeu*, Dissertação de Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rydgren, Jens (2002), “Radical Right Populismo in Sweden: Still a failure, but for how long?”, *Scandinavian Political Studies*, 25, 1.
- Tostes, Ana (2009), “Razões da Intolerância na Europa Integrada”, *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 52, 2.
- Winock, Michel (1994), *Histoire de l’extrême droite en France*, Paris, Points.
- Zaslove, Andrej (2009), “The Populist Radical Right: Ideology, Party Families and Core Principles”, *Political Studies Review*, 7, 3.

ANEXOS

- Anexo A – Dados referentes à análise descritiva

Tabela 6.1 – Lista de partidos de extrema-direita por país e ano de eleição

Países	Nome do Partido	Ano Fundação	Eleições em que participou	% Eleitoral
 Alemanha (7)	Alternativa para a Alemanha - <i>Alternative für Deutschland (AfD)</i>	2013	2 eleições: 2013, 2017	2013 – 4,7%; 2017 – 12,6%
	Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD)	1964	7 eleições: 1990, 1998, 2002, 2005, 2009, 2013, 2017	1990 – 0,3% ;1998 – 0,3%; 2002 – 0,4%; 2005 – 1,6%; 2009 – 1,5%; 2013 – 1,3%; 2017 – 0,4%
	Die Rechte	2013	2 eleições: 2013, 2017	2013 – 0,0%; 2017 – 0,0%
	The III Path – Der III Weg	2013	-	-
	Pro Germany Citizens Movement	2005-2017	1 eleição: 2013	2013 – 0,2%
	German People’s Union (DVU)	1987-2011	1 eleição: 1998	1998 – 1,2%
	Bund Freier Bürger – Offensive für Deutschland (BFB)	1994-2000	1 eleição: 1994	1994 – 1,1%
 Áustria (1)	Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ)	1956	9 eleições: 1990, 1994, 1995, 1999, 2002, 2006, 2008, 2013, 2017	1990 – 16,63%; 1994 – 22,5%; 1995 – 21,89%; 1999 – 26,91%; 2002 – 10,01%; 2006 – 11,04%; 2008 – 17,54%; 2013 – 20,5%; 2017 – 26,0%
 Bélgica (5)	Vlaams Blok (VB)	1978-2004	4 eleições: 1991, 1995, 1999, 2003	1991 – 6,6%; 1995 – 7,8%; 1999 – 9,9%; 2003 – 11,6%
	Vlaams Belang (VB)	2004	3 eleições: 2007, 2010, 2014	2007 – 12,0%; 2010 – 7,8%; 2014 – 3,7%
	Frente Nacional Belga (Front National Belge) – (FN)	1985	6 eleições: 1991, 1995, 1999, 2003, 2007, 2010	1991 – 1,1%; 1995 – 2,3%; 1999 – 1,5%; 2003 – 1,9%; 2007 – 1,9%; 2010 – 0,5%
	Mouvement Nation (NATION)	1999	3 eleições: 2003, 2007, 2014	2003 – 0,06%; 2007 – 0,06%; 2014 – 0,15%

	Debout les Belges	2013	1 eleição: 2014	2014 – 0,86%
 Bulgária (4)	União Nacional Ataque (ATAKA)	2005	5 eleições: 2005, 2009, 2013, 2014, 2017	2005 – 8,1%; 2009 – 9,4%; 2013 – 7,3%; 2014 – 4,5%; 2017 – 9,1 % (coligação United Patriots)
	National Front for the Salvation of Bulgaria (NFSB)	2011	3 eleições: 2013, 2014, 2017	2013 – 3,7%; 2014 – 7,3% (coligação VMRO-BND); 2017 – 9,1 (coligação United Patriots)
	Bulgarian National Union – New Democracy (BNU-ND)	2014	1 eleição: 2014	2014 – 0,1%
	Bulgarian National Radical Party (BG)	1990	1 eleição: 1991	1991 – 1,1%
 Chipre (1)	Frente Nacional Popular (ELAM)	2008	2 eleições: 2011, 2016	2011 – 1,1%; 2016 - 3,7%
 Croácia (6)	Croatian Party of Rights Dr. Ante Starcevic (HSP-AS)	2009	3 eleições: 2009, 2011, 2016	2011 – 2,8% (coligação com HCSP); 2015 – 33,46% (coligação – Patriotic Coalition); 2016 – 0,59% (coligação Desno, HKDU, USP, HDS)
	Croatian Pure Party of Rights (HCSP)	1992	2 eleições: 2011, 2016	2011 – 2,8% (coligação HSP-AS); 2016 – 0,7% (coligação com HSP)
	Croatian Party of Rights (HSP)	1861	8 eleições: 1992, 1995, 2000, 2003, 2007, 2011, 2015, 2016	1992 – 7,1%; 1995 – 5,0%; 2000 – 5,2% (coligação HKDU - Croatian Christian Democratic Union); 2003 – 6,4% (coligação ZDS- Democratic Party of Zagorje e MS Medimurje Party -); 2007 – 3,5%; 2011 – 3,0% (coligação HS); 2015 – 0,6% (coligação HKS-OS); 2016 – 0,7% (coligação com HCSP, ABH, OS)
	Autochthonous Croatian Party of Right (A-HSP)	2005	-	-
	Croatian Party of Rights 1861	1995	1 eleição: 1995	1995 – 1,30%
	Partido Democrático Sérvio (SDS)	1990-1995/ 1996	1 eleição: 1992	1992 – 1,1%
 Dinamarca (4)	Progress Party (Fremskridtspartiet)	1972	4 eleições: 1990, 1994, 1998, 2001	1990 – 6,4%; 1994 – 6,4%; 1998 – 2,4%; 2001 – 0,6%
	Partido do Povo Dinamarquês (DF) ou Partido Popular Dinamarquês (DPP)	1995	6 eleições: 1998, 2001, 2005, 2007, 2011, 2015	1998 – 7,4%; 2001 – 12,0%; 2005 – 13,3%; 2007 – 13,9%; 2011 – 12,3%; 2015 – 21,1%

	The New Right (Nye Borgerlige)	2015	-	-
	National Socialist Movement of Denmark (DNSB)	1991	-	-
 Eslováquia (3)	Partido Nacional Eslovaco (SNS)	1989	9 eleições: 1990, 1992, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2012, 2016	1990 – 13,9%; 1992 – 7,9%; 1994 – 5,4%; 1998 – 9,1%; 2002 – 3,3%; 2006 – 11,7%; 2010 – 5,0%; 2012 – 4,5%; 2016 – 8,6%
	Kotleba – People’s Party Our Slovakia (L’SNS)	2010	3 eleições: 2010, 2012, 2016	2010 – 1,3%; 2012 – 1,6%; 2016 – 8,0%
	True Slovak National Party	2001-2005	1 eleição: 2002	2002 – 3,7%
 Eslovénia (3)	Partido Nacional Esloveno (SNS)	1991	8 eleições: 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2011, 2014, 2018	1992 – 10,0%; 1996 – 3,2%; 2000 – 4,3%; 2004 – 6,2%; 2008 – 5,4%; 2011 – 1,8%; 2014 – 2,2%; 2018 – 4,2%
	Forward Slovenia (NPS)	-	6 eleições: 1996, 2000, 2004, 2008, 2011, 2018	1996 – 0,08%; 2000 – 0,31%; 2004 – 0,10%; 2008 – 0,05%; 2011 – 0,1%; 2018 – 0,02%
	United Slovenia (ZSi)	-	1 eleição: 2018	2018 – 0,59%
 Espanha (27)	Democracia Nacional (DN)	1995	5 eleições: 2000, 2004, 2008, 2011, 2015	2000 – 0,04%; 2004 – 0,06%; 2008 – 0,05%; 2011 – 0,01%; 2015 – 0,01%
	Movimiento Católico Español (MCE)	1981	1 eleição: 1993	1993 - 0,00%
	Falange Española de las JONS (FE-JONS)	1976	6 eleições: 1993, 2004, 2008, 2011, 2015, 2016	1993 – 0,03%; 2004 – 0,05%; 2008 – 0,05%; 2011 – 0,01%; 2015 – 0,03%; 2016 – 0,04%
	Movimiento Social Republicano (MSR)	1999-2018	1 eleição: 2004	2004 – 0,03%
	España 2000 (E-2000)	2002	4 eleições: 2000, 2004, 2008, 2011	2000 – 0,04%; 2004 – 0,02%; 2008 – 0,03%; 2011 – 0,04%
	Plataforma per Catalunya (PxC)	2002	2 eleições: 2011, 2016	2011 – 0,25%; 2016 – 0,00%
	La Falange (FE)	1999	3 eleições: 2000, 2004, 2016	2000 – 0,06%; 2004 – 0,04%; 2016 – 0,0%
	Alternativa Española (AES)	2003	1 eleição: 2008	2008 – 0,03%
	Falange Auténtica (FA)	2002	2 eleições: 2004, 2008	2004 – 0,02%; 2008 – 0,02%

	Falange Española Auténtica (FEA)	1978	2 eleições: 1993, 1996	1993 – 0,00%; 1996 – 0,05%
	Alianza Nacional (AN)	2006	1 eleição: 2008	2008 – 0,01%
	Derecha Navarra y Española (DNE)	2011-2015	1 eleição: 2011	2011 – 0,0%
	Partido Demócrata Nacional de España (NDPE)	2003	1 eleição: 2004	2004 – 0,0%
	Estado Nacional Europeu	1999	2 eleições: 2000,2004	2000 – 0,0%; 2004 – 0,0%
	Vox (VOX)	2013	2 eleições: 2015, 2016	2015 – 0,23; 2016 – 0,2%
	Agrupacion Ruiz-Mateos (ARM)	1987-1995	1 eleição: 1993	1993 – 0,23%
	Grupo Independiente Liberal (GIL)	1991-2004	2 eleições: 1993, 1996	1993 – 0,07%; 1996 – 0,34%
	Falange Española Independiente (FEI)	1977-2004	3 eleições: 1993, 1996, 2000	1993 – 0,01%; 1996 – 0,01%; 2000 – 0,03% (coligação F2000)
	Falange 2000 (F2000)	2000-2004	1 eleição: 2000	2000 – 0,03% (coligação FEI)
	Alianza por la Unidad Nacional (AUN)	1995-2005	2 eleições: 1996, 2004	1996 – 0,01% ; 2004 – 0,0%
	Partido Nacionalista Español de Melilla (PNEM)		1 eleição: 1996	1996 – 0,0%
	Partido Democrata Nacional de España (PDNE)		1 eleição: 2004	2004 – 0,0%
	Fuerza Nueva (FN)	1976-1992	1 eleição: 2000	2000 – 0,0%
	Unión Nacional (UN)		2 eleições: 2000, 2004	2000 – 0,0%; 2004 – 0,0%
	Partido Nacional de los Trabajadores (PNT)	1993	1 eleição: 2004	2004 – 0,0%
	Partit per Catalunya (PPC)	2007	1 eleição: 2008	2008 – 0,01%
	Movimiento Falangista de España (MFE)	1979	1 eleição: 2008	2008 – 0,0%
 Estónia (2)	Estonian Independence Party (EIP)	1999	4 eleições: 2003, 2007, 2011, 2015	2003 - 0,5%; 2007 – 0,2%; 2011 – 0,4%; 2015 – 0,2%
	Partido Popular Conservador da Estónia (EKRE)	2012	1 eleição: 2015	2015 – 8,1%

 Finlândia (3)	Finnish People's Blue-Whites (SKS)	1993-2010	4 eleições: 1995, 1999, 2003, 2007	1995 – 0,07%; 1999 – 0,18%; 2003 – 0,16%; 2007 – 0,14%
	Truee Finns - Partido dos Finlandeses (PS)	1995	5 eleições: 1999, 2003, 2007, 2011, 2015	1999 – 1,0%; 2003 – 1,6%; 2007 – 4,1%; 2011 – 19,0%; 2015 – 17,6%
	Blue and White Front (VP)	2009	1 eleição: 2011	2011 – 0,1%
 França (8)	Frente Nacional – Front National	1972	6 eleições: 1993, 1997, 2002, 2007, 2012, 2017	1993 – 12,4%; 1997 – 14,9%; 2002 – 11,3%; 2007 – 4,3%; 2012 – 13,6%; 2017 – 13,2%
	Debout la France (DLF)	2008	2 eleições: 2012, 2017	2012 – 0,59%; 2017 – 1,17%
	Les Patriotes (LP)	2017	-	-
	Comités Jeanne	2016	1 eleição: 2017	2017 – 0,3% (coligação Civitas, PDF, Ligue du Sud, SIEL)
	Civitas	2016	1 eleição: 2017	2017 – 0,3% (coligação Comités Jeanne, PDF, Ligue du Sud, SIEL)
	Parti de la France (PDF)	2009	1 eleição: 2017	2017 – 0,3% (coligação Comités Jeanne, Civitas, Ligue du Sud, SIEL)
	Ligue du Sud	2010	1 eleição: 2017	2017 – 0,3% (coligação Comités Jeanne, Civitas, PDF, SIEL)
	Souveraineté, ientité et libértés (SIEL)	2011	1 eleição: 2017	2017 – 0,3% (coligação Comités Jeanne, Civitas, PDF, Ligue du Sud)
 Grécia (6)	Aurora Dourada (AD)	1980	6 eleições: 1996, 2009, 2012 I, 2012 II, 2015 I, 2015 II	1996 – 0,1%; 2009 – 0,3; 2012 I – 7,0%; 2012 II – 6,9%; 2015 I – 6,3%; 2015 II – 7,0%
	Concentração Popular Ortodoxa (LAOS)	2000	6 eleições: 2004, 2007, 2009, 2012 I, 2012 II, 2015 I	2004 – 2,2%; 2007 – 3,8%; 2009 – 5,6%; 2012 I – 2,9%; 2012 II – 1,6%; 2015 I – 1,0%
	National Hope (EE)	2010	1 eleição: 2012 II	2012 II – 0,07%
	National Front	2012	-	-
	National Political Union (EPEN)	1984-1996	2 eleições: 1993, 1996	1993 - 0,14%

				1996 – 0,24%
	Hellenic Front	1994-2005	2 eleições: 2000, 2004	2000 – 0,18%; 2004 – 0,09%
 Hungria (4)	Movimento por uma Hungria Melhor (JOBBIK)	2003	4 eleições: 2006, 2010, 2014, 2018	2006 – 2,2% (coligação MIÉP); 2010 – 16,7%; 2014 – 20,2%; 2018 – 19,1%
	Hungarian Justice and Life Party (MIÉP)	1993	7 eleições: 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014, 2018	1994 – 1,6%; 1998 – 5,5%; 2002 – 4,4%; 2006 – 2,2% (coligação JOBBIK); 2010 – 0,1%; 2014 – 0,0%; 2018 – 0,1%
	Our Homeland Movement	2018	-	-
	Force and Determination	2017	-	-
 Irlanda (2)	Identity Ireland	2015	1 eleição: 2016	2016 - 0,0%
	National Party (NP)	2016	-	-
 Itália (10)	Liga Norte (LN)	1989; 1991	8 eleições: 1992, 1994, 1996, 2001, 2006, 2008, 2013, 2018	1992 – 8,6%; 1994 – 8,4%; 1996 – 10,1%; 2001 – 3,9%; 2006 – 4,6%; 2008 – 8,3%; 2013 – 4,1%; 2018 – 17,4%
	Movimento Sociale Italiano (MSI)	1946-1995	1 eleição: 1992	1992 – 5,4%
	Movimento Sociale Fiamma Tricolore (MS-FT)	1995	6 eleições: 1996, 2001, 2006, 2008, 2013, 2018	1996 – 0,9%; 2001 – 0,3%; 2006 – 0,6%; 2008 – 2,4% (coligação The Right – Tricolour Flame); 2013 – 0,1%; 2018 – 0,3% (coligação Italy for the Italians (FN-FT))
	Forza Nuova (FN)	1997	5 eleições: 2001, 2006, 2008, 2013, 2018	2001 – 0,04%; 2006 – 0,6%; 2008 – 0,3%; 2013 – 0,3%; 2018 – 0,3% (coligação Italy for the italians (FN-FT))
	Lega d’Azione Meridionale (LAM)	1992	5 eleições: 1992, 1994, 1996, 2001, 2018	1992 – 0,1%; 1994 – 0,1%; 1996 – 0,2%; 2001 – 0,0%; 2018 – 0,3% (coligação Italy for the Italians (FN-FT))
	Alternativa Sociale (AS)	2003-2006	1 Eleição: 2006	2006 – 0,7% (coligação FN)
	CasaPound Italy (CPI)	2003	2 eleições: 2013, 2018	2013 – 0,1%; 2018 – 0,9%

	Fronte Nazionale (FN)	1997	2 eleições: 2001, 2006	2001 – 0,06%; 2006 – 0,7% (coligação com AS)
	Irmãos de Itália – Fratelli d'Italia (FdI)	2012	2 eleições: 2013, 2018	2013 – 2% ; 2018 – 4,4%
	Movimento Idea Sociale (MIS)	2004	1 eleição: 2013	2013 – 0,01%
 Letónia (6)	Latvian National Independence Movement (LNNK)	1988-1997	2 eleições: 1993, 1995	1993 – 13,3%; 1995 – 6,3%
	For Fatherland and Freedom (TB)	1993-1997	1 eleição: 1995	1995 – 11,9%
	For Fatherland and Freedom (TB)/LNNK	1997-2011	3 eleições: 1998, 2002, 2006	1998 – 14,7% ; 2002 – 5,4% ; 2006 – 6,9% ; 2010 – 7,7% (coligação All for Latvia – National Alliance)
	All for Latvia	2006-2011	2 eleições: 2006, 2010	2006 – 1,5%; 2010 – 7,7% (coligação TB/LNNK – National Alliance)
	National Alliance (NA)	2011	3 eleições: 2011, 2014, 2018	2011 – 13,9% ; 2014 – 16,6% ; 2018 – 11%
	National Power Unity (NSS)	2003	1 eleição: 2006	2006 – 0,13%
 Lituânia (3)	Lithuanian National Union (LITAS)	2011	-	-
	Young Lithuania (Partija „Jaunoji Lietuva)	2009	2 eleições: 2012,2016	2012 – 0,66%; 2016 – 0,56% (coligação com LTS)
	Ordem e Justiça (TT)	2002	4 eleições: 2004, 2008, 2012, 2016	2004 – 11,4%; 2008 – 12,7%; 2012 – 7,63%; 2016 – 5,3%
 Luxemburgo (1)	National Bewegong	1987	1 eleição: 1994	1994 – 2,6%
 Malta (2)	Imperium Europa (Imperu Ewropew)	2000	1 eleição: 2008	2008 – 0,03%
	Moviment Patrijotti Maltin	2016	1 eleição: 2017	2017 – 0,36%
	Partido para a Liberdade (PVV)	2006	4 eleições: 2006, 2010, 2012, 2017	2006 –5,9%; 2010 – 15,5%; 2012 – 10,1%; 2017 – 13,0%

 Países Baixos (6)	Partido Político Reformado (SGP)	1918	8 eleições: 1994, 1998, 2002, 2003, 2006, 2010, 2012, 2017	1994 – 1,7%; 1998 – 1,8%; 2002 – 1,7%; 2003 – 1,6%; 2006 – 1,6%; 2010 – 1,7%; 2012 – 2,1%; 2017 – 2,1%
	Forum for Democracy (FvD)	2016	1 eleição: 2017	2017 – 1,8%
	The Dutch Peoples-Union (NVU)	1971	-	-
	Pim Fortuyn List (LPF)	2002-2008	3 eleições: 2002, 2003, 2006	2002 – 17,0%; 2003 – 5,7%; 2006 – 0,2%
	Centre Party '86 (CP'86)	1986-1998	1 eleição: 1994	1994 – 0,4%
 Polónia (5)	Kukiz '15 (K)	2015	1 eleição: 2015	2015 – 8,8%
	Liga das Famílias Polacas (LPR)	2001	3 eleições: 2001, 2005, 2007	2001 – 7,9%; 2005 – 8,0%; 2007 – 1,3%
	National Revival of Poland (NOP)	1981	5 eleições: 2001, 2005, 2007, 2011, 2015	2001 – 0,0%; 2005 – 0,1%; 2007 – 0,0%; 2011 – 0,0%; 2015 – 0,0%
	National Movement (RN)	2012	1 eleição: 2015	2015 – 8,8% (apoiou Kukiz '15)
	Self-Defence of the Republic of Poland (SRP)	1992	8 eleições: 1991, 1993, 1997, 2001, 2005, 2007, 2011, 2015	1991 – 0,03%; 1993 – 2,8%; 1997 – 0,1%; 2001 – 10,2%; 2005 – 11,4%; 2007 – 1,5%; 2011 – 0,1%; 2015 – 0,03%
 Portugal (1)	Partido Nacional Renovador (PNR)	2000	5 eleições: 2002, 2005, 2009, 2011, 2015	2002 – 0,09%; 2005 – 0,16%; 2009 – 0,2%; 2011 – 0,3%; 2015 – 0,5%
 Reino Unido (5)	Partido da Independência do Reino Unido (UKIP)	1993	6 eleições: 1997, 2001, 2005, 2010, 2015, 2017	1997 – 0,3%; 2001 – 1,5%; 2005 – 2,2%; 2010 – 3,1%; 2015 – 12,6%; 2017 – 1,8%
	Partido Nacional Britânico (BNP)	1982	7 eleições: 1992, 1997, 2001, 2005, 2010, 2015, 2017	1992 – 0,1%; 1997 – 0,1%; 2001 – 0,2%; 2005 – 0,7%; 2010 – 1,9%; 2015 – 0,0%; 2017 – 0,0%
	British National Front (BNF)	1967	6 eleições: 1992, 1997, 2001, 2005, 2010, 2015	1992 – 0,1%; 1997 – 0,0%; 2001 – 0,0%; 2005 – 0,0%; 2010 – 0,0%; 2015 – 0,0%
	British Democratic Party (2013)	2013	1 eleição: 2015	2015 – 0,0%

	Liberty Great Britain (GB)	2013-2017	1 eleição: 2015	2015 – 0,0%
 República Checa (6)	Rally for the Republic (SPR-RSC)	1989	8 eleições: 1990, 1992, 1996, 1998, 2002, 2006, 2010, 2017	1990 – 1%; 1992 – 5,9%; 1996 – 8,0%; 1998 – 3,9%; 2002 – 0,9%; 2006 – 0,1%; 2010 – 0,0%; 2017 – 0,1%
	Workers Party (DS)	2003-2010	-	-
	Workers Party of Social Justice (DS)	2010	3 eleições: 2010, 2013, 2017	2010 – 1,14%; 2013 – 0,86%; 2017 -0,20%
	Freedom and Direct Democracy (SPD)	2015	1 eleição: 2017	2017 – 10,6%
	No to Brussels – National Democracy (ND)	2005	1 eleição: 2006	2006 – 0,2%
	National Party	2002-2011	1 eleição - 2006	2006 - 0,1%
 Roménia (3)	Partido da Grande Roménia (PRM)	1991	7 eleições: 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, 2012, 2016	1992 – 3,9%; 1996 – 4,5%; 2000 – 19,5%; 2004 – 12,9%; 2008 – 3,2%; 2012 – 1,3%; 2016 – 1,0%
	Nova Direita (Noua Dreaptă - PND)	2000	-	-
	New Generation Party (PNG)	2000	3 eleições: 2000, 2004, 2008	2000 – 0,1%; 2004 – 2,2%; 2008 – 2,2%
 Suécia (4)	Democratas Suecos (SD)	1988	7 eleições: 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014, 2018	1994 – 0,3%; 1998 – 0,4%; 2002 – 1,4%; 2006 – 2,9%; 2010 – 5,7%; 2014 – 12,9%; 2018 – 17,5%
	Alternativa para a Suécia (AfS)	2018	1 eleição: 2018	2018 – 0,3%
	Nordic Resistance Movement (NRM)	2017	1 eleição: 2018	2018 – 0,03%
	New Democracy (Ny Demokrati – NyD)	1991-2000	3 eleições: 1991, 1994, 1998	1991 – 6,7%; 1994 – 1,2%; 1998 – 0,2%

Tabela 6.2 – Média de voto eleitoral dos partidos de extrema-direita na europa (1990-2003)

País		Ano da eleição															Total Mean
		1990 Mean	1991 Mean	1992 Mean	1993 Mean	1994 Mean	1995 Mean	1996 Mean	1997 Mean	1998 Mean	1999 Mean	2000 Mean	2001 Mean	2002 Mean	2003 Mean		
Alemanha	% Voto Total	,30	.	.	.	1,10	.	.	.	1,50	.	.	.	,40	.	,83	
Áustria	% Voto Total	16,63	.	.	.	22,50	21,89	.	.	.	26,91	.	10,10	.	19,61		
Bélgica	% Voto Total	.	7,70	.	.	.	10,10	.	.	.	11,40	.	.	.	13,56	10,69	
Bulgária	% Voto Total	.	1,10	1,10	
Chipre	% Voto Total	
Croácia	% Voto Total	.	.	8,20	.	.	6,30	5,20	.	.	6,40	6,53	
Dinamarca	% Voto Total	6,40	.	.	.	6,40	.	.	.	9,80	.	.	12,60	.	.	8,80	
Eslováquia	% Voto Total	13,90	.	7,90	.	5,40	.	.	.	9,10	.	.	7,00	.	.	8,66	
Eslovénia	% Voto Total	.	.	10,00	.	.	.	3,28	.	.	.	4,61	.	.	.	5,96	
Espanha	% Voto Total	.	.	.	,34	.	.	,41	.	.	.	,17	.	.	.	,31	
Estónia	% Voto Total	,50	,50	
Finlândia	% Voto Total	,07	.	.	.	1,18	.	.	.	1,76	1,00	
França	% Voto Total	.	.	.	12,40	.	.	.	14,90	11,30	.	12,87	
Grécia	% Voto Total	.	.	.	,14	.	.	,34	.	.	.	,18	.	.	.	,22	
Hungria	% Voto Total	1,60	.	.	.	5,50	.	.	.	4,40	.	3,83	
Irlanda	% Voto Total	
Itália	% Voto Total	.	.	14,10	.	8,50	.	11,20	4,30	.	.	9,53	
Letónia	% Voto Total	.	.	.	13,30	.	18,20	.	.	14,70	.	.	.	5,40	.	12,90	
Lituânia	% Voto Total	
Luxemburgo	% Voto Total	2,60	2,60	
Malta	% Voto Total	
Países Baixos	% Voto Total	2,10	.	.	.	1,80	.	.	.	18,70	7,30	7,48	
Polónia	% Voto Total	.	,03	.	2,80	.	.	.	,10	.	.	.	18,10	.	.	5,26	
Portugal	% Voto Total	,09	.	,09	
Reino Unido	% Voto Total	.	.	,20	,40	1,70	.	,77	
República Checa	% Voto Total	1,00	.	5,90	.	.	.	8,00	.	3,90	.	.	.	,90	.	3,94	
Roménia	% Voto Total	.	.	3,90	.	.	.	4,50	.	.	.	19,60	.	.	.	9,33	
Suécia	% Voto Total	.	6,70	.	.	1,50	.	.	.	,60	.	.	.	1,40	.	2,55	
Total	% Voto Total	7,65	3,88	7,17	5,80	5,74	11,31	4,62	5,13	5,86	13,16	5,95	9,17	5,97	5,90	6,66	

Tabela 6.3 - Média de voto eleitoral dos partidos de extrema-direita na europa (2004-2018)

País		Ano da eleição															Total Mean
		2004 Mean	2005 Mean	2006 Mean	2007 Mean	2008 Mean	2009 Mean	2010 Mean	2011 Mean	2012 Mean	2013 Mean	2014 Mean	2015 Mean	2016 Mean	2017 Mean	2018 Mean	
Alemanha	% Voto Total	.	1,60	.	.	.	1,50	.	.	.	6,20	.	.	.	13,00	.	5,58
Áustria	% Voto Total	.	.	11,04	.	17,54	.	.	.	20,50	.	.	.	26,00	.	18,77	
Bélgica	% Voto Total	.	.	.	13,96	.	.	8,30	.	.	.	3,70	.	.	.	8,65	
Bulgária	% Voto Total	.	8,10	.	.	.	9,40	.	.	.	11,00	11,90	.	.	9,10	.	9,90
Chipre	% Voto Total	1,10	3,70	.	2,40	
Croácia	% Voto Total	.	.	.	3,50	.	.	.	5,80	.	.	.	34,06	1,29	.	11,16	
Dinamarca	% Voto Total	.	13,30	.	13,90	.	.	.	12,30	.	.	.	21,10	.	.	15,15	
Eslováquia	% Voto Total	.	.	11,70	.	.	.	6,30	.	6,10	.	.	.	16,60	.	10,18	
Eslovénia	% Voto Total	6,30	.	.	.	5,45	.	.	1,90	.	.	2,20	.	.	4,81	4,13	
Espanha	% Voto Total	,22	.	.	.	,20	.	.	,31	.	.	,27	,24	.	.	,25	
Estónia	% Voto Total	.	.	.	,20	.	.	.	,40	.	.	.	8,30	.	.	2,97	
Finlândia	% Voto Total	.	.	.	4,24	.	.	.	19,10	.	.	.	17,60	.	.	13,65	
França	% Voto Total	.	.	.	4,30	14,19	14,67	11,05	
Grécia	% Voto Total	2,29	.	.	3,80	.	5,90	.	.	9,24	.	.	7,15	.	.	5,68	
Hungria	% Voto Total	.	.	2,20	.	.	.	16,80	.	.	.	20,20	.	.	19,20	14,60	
Irlanda	% Voto Total	,00	.	.	,00	
Itália	% Voto Total	.	.	6,50	.	11,00	.	.	.	6,61	23,00	11,78	
Letónia	% Voto Total	.	.	8,53	.	.	.	7,70	13,90	.	.	16,60	.	.	11,00	11,55	
Lituânia	% Voto Total	11,40	9,00	.	.	12,70	.	.	.	8,29	.	.	5,66	.	.	9,45	
Luxemburgo	% Voto Total	
Malta	% Voto Total	,03	,03	
Países Baixos	% Voto Total	.	.	7,70	.	.	.	17,20	.	12,20	16,90	13,50	
Polónia	% Voto Total	.	19,50	.	2,80	.	.	.	,10	.	.	.	8,83	.	.	7,81	
Portugal	% Voto Total	.	,16	.	.	.	,20	.	,30	.	.	.	,50	.	.	,29	
Reino Unido	% Voto Total	.	2,90	5,00	12,60	.	1,80	5,57	
República Checa	% Voto Total	.	.	,40	.	.	.	1,14	.	.	,86	.	.	.	10,90	3,33	
Roménia	% Voto Total	15,10	.	.	.	5,40	.	.	.	1,30	.	.	.	1,00	.	5,70	
Suécia	% Voto Total	.	.	2,90	.	.	.	5,70	.	.	.	12,90	.	.	.	17,83	9,83
Total	% Voto Total	7,06	7,79	6,37	5,84	7,47	4,25	8,52	5,52	8,55	9,03	11,25	12,27	4,10	13,20	15,17	8,35

- **Anexo B – Dados referentes à análise multivariada (Modelo 1)**

Tabela 6.4 – Medidas de qualidade do modelo 1

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,345 ^a	,119	,064	6,46333

a. Predictors: (Constant), Idade Média, Taxa de Desemprego, População Refugiada, Dívida Pública (% PIB), Taxa de Inflação, Produto Interno Bruto, Grupo Etário (65 ou mais anos), Número de Imigrantes

b. Dependent Variable: % Voto Total

Tabela 6.5 - Adequabilidade do modelo 1

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	722,986	8	90,373	2,163	,034 ^b
	Residual	5347,159	128	41,775		
	Total	6070,146	136			

a. Dependent Variable: % Voto Total

b. Predictors: (Constant), Idade Média, Taxa de Desemprego, População Refugiada, Dívida Pública (% PIB), Taxa de Inflação, Produto Interno Bruto, Grupo Etário (65 ou mais anos), Número de Imigrantes

- Medir adequabilidade do modelo

O Teste F (“ANOVA”) à significância do modelo permite verificar se as variáveis explicativas influenciam de o voto eleitoral nos partidos de extrema-direita na europa.

Formação de Hipóteses:

Ho: O modelo linear não é adequado

Ha: O modelo linear é adequado

Como $F(8,128) = 2,163$, $p = 0,034$. Rejeita-se a hipótese nula, o modelo é adequado (estatisticamente significativo) para explicar a relação entre as variáveis no modelo 1.

Tabela 6.6 - Coeficientes do modelo 1

		Coefficients ^a										
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Correlations			Collinearity Statistics		
		B	Std. Error	Beta			Zero-order	Partial	Part	Tolerance	VIF	
1	(Constant)	-24,646	14,476		-1,703	,091						
	Dívida Pública (% PIB)	,020	,020	,100	1,005	,317	,059	,088	,083	,689	1,451	
	Produto Interno Bruto	1,827E-6	,000	,192	1,034	,303	-,047	,091	,086	,200	4,990	
	Taxa de Desemprego	-,183	,137	-,120	-1,341	,182	-,114	-,118	-,111	,857	1,166	
	Taxa de Inflação	-,117	,224	-,050	-,523	,602	-,118	-,046	-,043	,768	1,303	
	Número de Imigrantes	-1,245E-5	,000	-,389	-1,912	,058	-,132	-,167	-,159	,166	6,019	
	População Refugiada	1,408E-6	,000	,042	,314	,754	-,082	,028	,026	,387	2,586	
	Grupo Etário (65 ou mais anos)	-,759	,578	-,254	-1,313	,192	,124	-,115	-,109	,183	5,453	
	Idade Média	1,157	,532	,408	2,175	,031	,211	,189	,180	,196	5,112	

a. Dependent Variable: % Voto Total

De modo a testar os parâmetros de análise:

Constante: $t = -1,703$; $sig = 0,091$, então não se rejeita H_0 , sendo que a constante não é estatisticamente significativa.

Dívida Pública: $t = 1,005$; $sig = 0,317$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Produto Interno Bruto $t = 1,034$; $sig = 0,303$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Taxa de Desemprego: $t = -1,341$; $sig = 0,182$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Taxa de Inflação: $t = -0,523$; $sig = 0,602$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Número de Imigrantes: $t = -1,912$; $sig = 0,05$, então rejeita-se H_0 - é estatisticamente significativo.

População Refugiada: $t = 0,314$; $sig = 0,754$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Grupo Etário (65 ou mais anos): $t = -1,313$; $sig = 0,192$, então não se rejeita H_0 - não é estatisticamente significativo.

Idade Média: $t = 2,175$; $sig = 0,031$, então rejeita-se H_0 - é estatisticamente significativo.

- Anexo C – Dados referentes à análise multivariada (Modelo 2)

Tabela 6.7 – Medidas de qualidade do modelo 2

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,622 ^a	,387	,220	4,76083

a. Predictors: (Constant), Control of Corruption, Número de incidentes ou tentativas terroristas, Idade Média, Homicídios registados, Taxa de Inflação, Dívida Pública (% PIB), Taxa de Desemprego, Índice Educação, População Refugiada, Political Stability and Absense of violence, Regularity Quality, Grupo Etário (65 ou mais anos), Número de Imigrantes, Produto Interno Bruto, Government Effectiveness, Rule of Law, Voice and Accountability, Crimes registados

b. Dependent Variable: % Voto Total

Tabela 6.8 – Adequabilidade do modelo 2

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	945,027	18	52,502	2,316	,007 ^b
	Residual	1495,923	66	22,666		
	Total	2440,950	84			

a. Dependent Variable: % Voto Total

b. Predictors: (Constant), Control of Corruption, Número de incidentes ou tentativas terroristas, Idade Média, Homicídios registados, Taxa de Inflação, Dívida Pública (% PIB), Taxa de Desemprego, Índice Educação, População Refugiada, Political Stability and Absense of violence, Regularity Quality, Grupo Etário (65 ou mais anos), Número de Imigrantes, Produto Interno Bruto, Government Effectiveness, Rule of Law, Voice and Accountability, Crimes registados

- Medir adequabilidade do modelo:

O Teste F (“ANOVA”) à significância do modelo permite verificar se as variáveis explicativas influenciam de o voto eleitoral nos partidos de extrema-direita na europa.

Formação de Hipóteses:

Ho: O modelo linear não é adequado

Ha: O modelo linear é adequado

Como $F(18,66) = 2,316$, $p=0,007$). Rejeita-se a hipótese nula, o modelo é adequado (estatisticamente significativo) para explicar a relação entre as variáveis no modelo 2.

Tabela 6.9 – Coeficientes do modelo 2

		Coefficients ^a									
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients		Sig.	Correlations			Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta	t		Zero-order	Partial	Part	Tolerance	VIF
1	(Constant)	-54,767	22,162		-2,471	,016					
	Dívida Pública (% PIB)	,090	,027	,500	3,326	,001	,046	,379	,320	,410	2,438
	Produto Interno Bruto	2,593E-6	,000	,280	,481	,632	-,131	,059	,046	,027	36,478
	Taxa de Desemprego	,059	,177	,047	,334	,739	-,081	,041	,032	,478	2,094
	Taxa de Inflação	,486	,261	,223	1,859	,068	,041	,223	,179	,643	1,556
	Número de Imigrantes	-7,307E-6	,000	-,257	-1,061	,292	-,215	-,130	-,102	,158	6,334
	População Refugiada	5,619E-6	,000	,184	,563	,575	-,166	,069	,054	,087	11,474
	Grupo Etário (65 ou mais anos)	-,922	,621	-,341	-1,484	,142	-,092	-,180	-,143	,176	5,695
	Idade Média	,850	,728	,300	1,168	,247	,071	,142	,113	,141	7,102
	Índice Educação	21,786	12,290	,267	1,773	,081	,260	,171	,171	,409	2,447
	Crimes registrados	-4,168E-6	,000	-1,138	-1,304	,197	-,168	-,158	-,126	,012	82,067
	Homicídios registrados	,015	,006	,692	2,592	,012	-,115	,304	,250	,130	7,685
	Número de incidentes ou tentativas terroristas	-,032	,035	-,118	-,899	,372	-,168	-,110	-,087	,538	1,858
	Voice and Accountability	-,207	,215	-,398	-,965	,338	,056	-,118	-,093	,055	18,344
	Political Stability and Absence of violence	-,031	,068	-,090	-,454	,652	,114	-,056	-,044	,238	4,195
	Government Effectiveness	,140	,146	,317	,960	,341	,080	,117	,093	,085	11,741
	Regularity Quality	,425	,156	,709	2,723	,008	,160	,318	,262	,137	7,298
	Rule of Law	-,340	,145	-,840	-2,348	,022	,014	-,278	-,226	,072	13,795
	Control of Corruption	,228	,169	,608	1,347	,183	,036	,164	,130	,046	21,961

a. Dependent Variable: % Voto Total

De modo a testar os parâmetros de análise:

Constante: $t = -2,471$; $sig = 0,016$, então rejeita-se H_0 , sendo que a constante é estatisticamente significativa.

Dívida Pública: $t = 3,326$; $sig = 0,001$, então rejeita-se H_0 - é estatisticamente significativo.

Produto Interno Bruto $t = 0,481$; $sig = 0,632$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Taxa de Desemprego: $t = 0,334$; $sig = 0,739$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Taxa de Inflação: $t = 1,859$; $sig = 0,068$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Número de Imigrantes: $t = -1,061$; $sig = 0,292$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

População Refugiada: $t = 0,563$; $sig = 0,575$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Grupo Etário (65 ou mais anos): $t=-1,484$; $sig=0,142$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Idade Média: $t=1,168$; $sig=0,247$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Índice de Educação: $t=1,773$; $sig=0,081$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Crimes registados: $t=-1,304$; $sig=0,197$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Homicídios registados: $t=2,592$; $sig=0,012$, então rejeita-se H_0 - é estatisticamente significativo.

Incidentes ou tentativas terroristas: $t=-0,899$; $sig=0,372$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Voice and accountability: $t=-0,965$; $sig=0,338$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Political Stability and Absense of violence: $t=-0,454$; $sig=0,652$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Government Effectiveness: $t=0,960$; $sig=0,341$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.

Regularity Quality: $t=2,723$; $sig=0,008$, então rejeita-se H_0 – é estatisticamente significativo.

Rule of Law: $t=-2,348$; $sig=0,022$, então rejeita-se H_0 – é estatisticamente significativo.

Control of Corruption: $t=1,347$; $sig=0,183$, então não se rejeita H_0 – não é estatisticamente significativo.